



ESTADO DO PIAUÍ
GOVERNO DILCEU MENDES - ARCO-ÍRIS

Revista
PRESença

N.º 4
DEZEMBRO — 73

FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ — SECRETARIA DA CULTURA

*"Cultura é a passagem do homem pelo mundo,
ele mesmo,
sua sombra
seu rastro,
seu eco."*

palestra do prof. arimathéa tito filho "dia do livro" - 18 de abril

Dizia Cícero: "Uma casa sem livros . . . é um corpo sem alma". Este dia é consagrado a exaltcer esse instrumento básico da cultura humana, que é o livro. Este dia foi fixado a 18 de abril como homenagem ao grande escritor MONTTEIRO LOBATO, que tanto se batteu pela divulgação do livro no Brasil. Esta homenagem foi sugerida por outro amante dos livros, o livreiro CARLOS RIBELLO, do Rio de Janeiro, o primeiro a organizar em nosso país "tarde de autógrafos", para o encontro entre os escritores e seus leitores.

A princípio os homens escreviam suas mensagens nas árvores ou no chão, mas estas logo se apagavam. Passaram a usar, então, a inscrição em pedras e tijolos. Na antiguidade surgiu o papiro, feito das fibras de uma planta herbácea, chamada *popurus*, originária do velho Egito. Mais tarde o papiro foi substituído pelo pergaminho, feito de pele de carneiro.

O papel, feito de algodão, de linho e afins da polpa das árvores, chamada celulose, foi quem permitiu o aparecimento do livro. Os livros foram a princípio escritos à mão, sendo que somente no século XV surgiu essa genial invenção que iria revolucionar o mundo — a imprensa, isto é, os tipos móveis para im-

pressão, representando cada tipo uma letra de alfabeto. Deve a humanidade essa grandeza invenção a um alemão, da cidade de Mogúncia, JOHANN GUTIENBERG. A imprensa surgiu precisamente em 1455 e o primeiro livro impresso pelo notável GUTIENBERG foi a *Bíblia*, com 1282 páginas, de enorme formato, escrito em latim, e uma de suas raras cópias se encontra na nossa Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Tem, pois, mais de 500 anos esse exemplar.

Mais 400 anos decorreram até que outro alemão, OTTIMAR MERGENTHALER, residindo nos Estados Unidos, inventou, em 1836, a máquina *linotipo*, que compõe uma linha inteira de cada vez facilitando assim o trabalho de edições de livros.

Os livros merecem todo nosso respeito, admiração e carinho: são eles que nos dão os conhecimentos de todas as ciências e artes. Em suas páginas é que registram todos os causas importantes da terra. Eles nos instruem e nos divertem. Servem de passatempo, de calmante, de remédio. Em uma palavra, os livros aumentam a nossa responsabilidade.

Dar livros de presente aos amigos é uma prova de que os consideramos inteligentes e cultos.



EXMO. SR. Secretário da Cultura, Dr. Luis Gonzaga Pires, por ocasião
da abertura da exposição Arte Gaúcha/75.

Arte Gaúcha



ARTE GAÚCHA - 75

Dr. Luís Gonzaga Pires

O Governo Direceu Mendes Arcosverde, através da Secretaria de Cultura está perseguindo as metas traçadas no campo cultural para colocar o Piauí e o seu povo no lugar que lhe é devido.

Até agora o cronograma tem sido obedecido. Conseguimos, graças ao Plano de Ação Cultural do Ministério da Educação e Cultura e do Serviço Nacional de Teatro a integração do Piauí nos eventos artísticos patrocinados pelo Ministério da Educação e Cultura.

Nossa teatro é uma realidade dentro da movimentação sócio-cultural de nossa terra. Ele representará de certo um relevante papel, não apenas na difusão da arte, mas para a conscientização do povo nos assuntos artísticos em suas principais expressões.

Eramos concluindo as obras do Teatro, dentre as quais a galeria de arte que dará a Teresina e ao Piauí um destaque apreciável.

Nove projetos relativos à recuperação de monumentos do patrimônio histórico tramitam em fase de elaboração definitiva para apresentação na IPHAN e consequente execução das obras com recursos da Secretaria de Planejamento da Presidência da República e do próprio Estado.

Entre elas estamos para Teresina o atual Palácio da Justiça a ser transformado em museu e arquivo históricos do Piauí, a Igreja de São Benedito, o Museu do Médio Parnaíba nas casas de Da Costa e Silva e Odilon Nunes em Amarante, além dos projetos de Ceirós, Piracuruca e Parnaíba.

A Casa da Cultura está definida como obra prioritária, com o terreno já escolhido e na fase de elaboração do pro-

jeto arquitetônico para em seguida fazermos a licitação da obra.

Hoje estamos inaugurando esta mostra de arte gaúcha 75, cujo valor pode ser apreciado pelos presentes e cuja significação para nós, diz bem com a vinda do próprio Professor Roberto Parreira, gerente do P.A.C. que aquiesceu ao nosso convite vindo prestigiar o Piauí e o seu povo com a sua ilustre presença, o seu estímulo e o seu apoio constante às nossas iniciativas.

Somos gratos a S. Excia. Sr. Roberto Parreira pela magnanilidade do gesto, atendendo as nossas solicitações e vindo pessoalmente sentir os nossos problemas, as nossas necessidades para encaminhá-las a uma solução.

O Prof. Nelson Simões, Coordenador Técnico do Plano de Ação Cultural é uma extraordinária figura de programador e executor em quem encontramos sempre um apoio decidido para os pleitos da Secretaria de Cultura.

Queremos prestar-lhe Dr. Nelson Simões, a homenagem do nosso reconhecimento e da nossa admiração.

O Piauí é o primeiro Estado do Brasil a ser visitado pelo Prof. Roberto Parreira para a abertura da arte gaúcha, este fato ficará gravado em nossas consciências como um estímulo no prosseguimento do nosso trabalho.

É também a certeza de que nesta luta não estaremos sós, porque as insignes personalidades do Ministério da Educação e Cultura que ora nos visitam, para sentir os anseios do povo piauiense, nos assistirão com o seu apoio, com a sua experiência e exemplo de dedicação à cultura nacional.

Contaremos com o Prof. Roberto Parreira e Prof. Nelson Simões em todos os momentos de nossa jornada de trabalho, com o Plano de Ação Cultural.

A Secretaria de Cultura do Piauí, criada há um ano, está ainda em sua fase de implantação, contudo suas metas estão definidas e estamos todos nós, empolgados na concretização das mesmas. Elas visam, sobretudo, ao desenvolvimento cultural do nosso povo, tão ávido e tão sensível às manifestações artísticas. Povo que se tem distinguido pelo cultivo das lettras e das artes, dando ao Brasil eloquentes testemunhos de seu valor, na projeção de uma imagem positiva através da inteligência e do trabalho esmerado de seus filhos, nos diversos actores do mundo cultural do país.

Plani do Deslindo Couto, Odílio Costa Filho, Afrônio Castelo Branco e tantos outros que honram o Brasil projetando-o no cenário científico, literário e artístico do universo.

O Governo Dirceu Arcoverde instituiu a Fundação Cultural do Piauí com a finalidade precípua de dinamizar as nossas atividades no setor da cultura. Ela será o instrumento que nra faltava para implantação de uma nova era do nosso desenvolvimento.

Queremos, através da Fundação, mobilizar todas as forças vivas do nosso Estado para uma tomada de posição em torno dos problemas da cultura nas suas mais variadas manifestações.

Queremos também sensibilizar o país através de suas autoridades constituidas, para o nosso programa, buscando em toda parte a indispensável ajuda para a sua realização.

Juntamente com o Governador Dirceu Arcoverde fizemos uma opção — servir ao Piauí — pelo dever e pelo amor de servi-lo, sem outro sentido, sendo o de colaborar na promoção da grandeza de seu povo.

Esta, a meta que alimenta o nosso entusiasmo, entusiasmo capaz de remover montanhas; entusiasmo que colocamos, o Governador, seus auxiliares, e nós, a serviço da causa deste povo que tanto carece do trabalho e da integral dedicação dos seus líderes.

Isto, senhoras e senhores, é o escopo deste Governo de trabalho sério, todo voltado para o sofrido homem, que escreverá páginas épicas que enriquecerão o Brasil.

arte gaúcha

**MINISTÉRIO DA EDUCACAO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL
FUNDACAO CULTURAL DO PIAUÍ
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS**

De 04 de junho corrente a 26 de abril de 1976, uma Exposição de Arte Gaúcha visitará treze capitais brasileiras mostrando ao Brasil o que se faz em artes plásticas no Rio Grande do Sul. Iniciativa do *PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL* com o objetivo de promover na artes plásticas da diferentes Estados, nela serão mostrados trabalhos de vinte e quatro artistas, muitos deles consagrados pela crítica internacional.

Brasília, Belém do Pará e São Luís do Maranhão tiveram a oportunidade recentemente de observar os magníficos trabalhos que agora serão levados à Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju, Salvador, Vitória, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, terra de origem dos artistas expositores.

ROTEIRO DA EXPOSIÇÃO

Começando por Teresina, no Piauí onde permaneceu de 04 a 15 do corrente, a exposição da Arte Gaúcha visitará Fortaleza (25/6 a 4/7) — Natal (17/7 a 27/7) — João Pessoa (8/8 a 17/8) — Recife (10/8 a 15/9) — Maceió (29/9 a 08/10) — Aracaju (29/10 a 29/10) — Salvador (12/11 a 26/11) — Vitória (10/12 a 19/12) — Belo Horizonte (05/01/76 a 19/01/76) — Rio de Janeiro (17/02 a 29/02/76) — São Paulo (15/03/76 a 30/03/76) e finalmente Porto Alegre de 12 de abril a 26 do mesmo mês.

OS ARTISTAS E SEUS TRABALHOS

Vinte e quatro artistas levaram seus trabalhos pelo Brasil na Exposição da Arte Gaúcha promovida pelo *PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL*. São eles: Ado Malagoli, Antônio Carlos Maciel, Antônio Gutierrez, Carlos Temius, Clovis Peretti, Damião Gonçalves, Edmundo Cruz, Francisco Steckinger, Cláudio Pinto da Mairia, Comercindo da Silva Pacheco, Henrique Leo Fuhr, Iisa Monteiro, Joyce Schleiniger, Leo Dezhaimer, Luiz Fernando Voges Barth, Maria Tomazelli Cirne Lima, Paulo Magali de Mello Porcello, Rumanita D. Martins, Rose Luizemberger, Rubens Galant Costa Cabral, Vasco Prado, Vera Curves Barreto, W. Elias e Zoravia Bettoli.

ADO MALAGOLI

Sua pintura, dia a dia mais elaborada, rica de cor e vitalidade temática, é o que se pode considerar um trabalho disciplinado e vigilante que sempre condusso a delinear de sínteses reveladoras. Sua paisagem urbana é de memória e de influência europeia, é considerável a amplitude de seu espírito metafísico e seu humanístico sentido de documentar uma sociedade decadente.

ANTONIO CARLOS MACIEL

De suas chapas metálicas, num bem elaborado processo de gestação, resulta um original e admirável surrealismo de alto nível. A maturidade Técnica obtida nestas gravuras em metal e o refinamento alcançado nos efeitos perfazem o depoimento gráfico do artista que tem entre seus melhores momentos a conteudística produzida por profunda e verdadeira ordenação mental.

ANTONIO GUTIERREZ

A pesquisa de Gutierrez está, toda ela, concentrada em seu trabalho que é um verdadeiro retrato de sua realidade e que tem residência fixa na qualidade de sua obra. Durante determinado período de sua carreira, tentou dedicar-se a uma espécie de pintura-objeto, utilizou-se de madeiras recortadas, mas a experiência não o satisfez e ele decidiu para sempre, abandonar materiais novos. Sua visão pessoal do mundo, seu universo existencial são reflexos permanentes em sua pintura.

CARLOS TENIUS

A obra de Tenius parece ter criado um sistema para provocar a participação das massas, prescindindo de informação cultural e, talvez por isso mesmo, seus monumentos ocupam lugares públicos e sua mensagem seja destinada a uma maioria a quem seu talento atinge de forma mais coerente e direta, apesar do refinamento imaginário de suas concepções.

CLOVIS PERETTI

Os objetivos cínicos de Peretti revelam uma aprimorada pesquisa de arte tecnológica. O único modelo de aplicação da tecnologia no Rio Grande do Sul, utiliza-se dos objetos eletrônicos cínicos à ambientação arquitetônica, sua arte percorre a vertiginosa corrida de sua imaginação e expressa a necessidade vital que o artista sente de transmitir uma série de inquietantes sensações.

DANÚBIO GONÇALVES

Eminentemente técnico, Danúbio exerceu papel decisivo e importante dentro do pioneirismo da implantação da nova gravura gádica. Tanto como professor quanto como gravador, permanentemente tem sido a sua preocupação com a disciplina da técnica, traduzida em forma de uma alegoria crítica de assuntos históricos brasileiros.

10

LEO DEXHEIMER

A tentativa de uma documentação tecnológica é uma constante em sua pintura e se revela através de um processo industrial feito à pistola. Consegue tão grande riqueza de pormenores que seu trabalho chega a se aproximar à técnica de impressão.

JUIZ FERNANDO VOGES BARTH

Sua visão multidimensional talvez seja a característica mais marcante e decisiva de sua obra. A inquietação de Barth repassa seu trabalho, percorre a riqueza de suas formas e nos atinge de forma direta, simóles, concisa e fácil. É professor do Instituto de Artes da Universidade do Rio Grande do Sul, onde sua função de ensinar ajuda a obtenção de resultados positivos na sua constante busca pela perfeição.

MARIA TOMASELLI CIRNE LIMA

É extremamente coerente com o desenho em si apresentando uma espontaneidade muito bem conduzida em função de uma figuração nova, denunciadora da envolvência dos grupos humanos na sociedade contemporânea. Sua obra é sempre nova, parece não ter limites previamente traçados, é individualista e sempre denota sua permanente evolução.

PAULO MAGALHÃES DE MELLO PORCELLA

O caminho percorrido por Porcella, parece conduzir diretamente a uma realidade interior. É fácil perceber que foi um caminho sofrido com relação à busca e que, talvez por isso mesmo revela clara e implicita, as imagens aprendidas numa associação exótica de pensamento e deduções que conduzem à análise, num refinado processo do conhecimento da imagem revelada.

ROMANITA D. MARTINS

O lírico se transforma no trivial na gravura de ROMANITA MARTINS onde

Sua sensibilidade traduz, em forma de escultura, toda a sua paisagem interna, vem de dentro para fora e se mostra sempre sob o aspecto de uma nova percepção exterior.

VASCO PRADO

Sua concepção, sua força expressiva, suas telas e sua estrutura surgem de forma figurativa em suas esculturas em mármore ou bronze. Realizou setenta e oito exposições no Brasil. No exterior realizou mostras nas mais importantes cidades do mundo.

VERA CHAVES BARCELLOS

Valorizando a madeira com a xilogravura, num sucessivo aumento do espaço, utilizando-se de uma temática abstracionista, numa nova linguagem arquitórica. Já participou de aproximadamente 50 mostras entre coletivas, salões oficiais, nacionais e internacionais, bienais, trienais, mostras itinerantes, no Brasil e em vários países da América, Europa e Ásia.

W. ELIAS

Sua pintura é limpa, perfeitamente delineada, rica em pormenores, traduzindo um aprimoramento que se desenvolveu através de um trabalho de procura constante, pesquisas delicadas e tenaz que conduziram ao contundente realismo da figura exposta. Já realizou 12 exposições individuais no Brasil e coletivas no exterior. Possui obras em diversos museus do Brasil e exterior além dos álbuns de gravuras "Canis ao Mar de Piriápolis", "As Minas de Carvão" e "Ruinas de São Miguel das Missões".

ZORAVIA BETTIOL

O toque pessoal e inconfundível da sua arte paira acima de tudo, mesmo sobre o penoso e difícil aprendizado artesanal da tapeçaria que mistura um procedimento hodierno à assimilação de técnicas anteriores. Tem realizadas 69 exposições nas principais cidades do Brasil. De 1961 a 1974 participou de aproximadamente 30 mostras, entre coletivas, salões oficiais, bienais, trienais, nacionais e internacionais.

que é a velhice?

Eli Castelo Branco

É ver dia a dia a mudança dos traços fisionómicos. É sentir a diminuição das forças, pernas instáveis, andar bamboleante. É ouvir a gabação da beleza que tivemos como se agora fôssemos apenas múnias.

— Ela foi linda!
— Foi?

Demonstração cruel e positiva do que foi mas já não é. Desespero por não poder reenmagir, reconstituir o que viu.

Velhice é sentir o despertar da flor que foi a nossa mocidade e ver as pétalas irem voando, voando sem que as possamos detêr.

É uma tristeza incutida que se faz cada vez mais doida na contemplação dos filhos e netos que sabemos termos de deixar em breve.

Velhice, é certeza a tocar silêncio, ordem de parada, nos conselhos aos mais novos que os recebem prevenidos e até aborrecidos.

Velhice é dar de si o pouco que lhe resta em assistência à família, com paciência e resignação, produzindo o que estiver à altura de suas forças e ajudar, financeiramente, se o poder fazer, àquelas com quem convive.

É esconder o orgulho passado, tornando-se manso, mesmo à costa de lágrimas e sacrifícios.

Velhice é não exigir de ninguém nem dos filhos aquilo que aínta eles lhe vão negando, pouco a pouco.

Velhice é receber de cabeça baixa os arrabios impacientes daquelas que a não sabem respeitar.

É chorar em silêncio e apagar os vestígios das lágrimas para que os mais novos os não vio tombar como destelhas.

Velhice é ver que os novos se divertem enquanto que ela lhes entrega ao desespero de se tentar só.

Velhice, dor dalmata, agonia lenta, desprestigio, mal inviável.

Velhice é sentir na face as rugas que a encloram e a deformam. Nos olhos a névoa que os embala. Nos ouvidos ouvir o ranger dos dentes a anunciar seu fim, na boca o amargor das lágrimas que para elas escorrem.

Velhice é isolamento criativo intrometido, eternamente a espera da presença dos novos que só por magnanimidade ou obrigação ali vêm. Visita esperada mas que não satisfaz porque é feita às carreiras, sem gringa, sem comentários, evitada de desculpas.

Velhice... oh! triste velhice! nada vemos capaz de te fazer voltar ao que foste! Es mesmo forte e radia, uma contra que pouco a pouco se vai desfazendo, sumindo até se apagar de todo.

Velhice, triste representação de nossa vida, nossa presença neste mundo, fim de cosa, pano que cai e nos deixa apenas a recordação do que fomos. Saudade!

Pesquisa Interdisciplinar: Problemas e Perspectivas

Finst. Mário Diogo Júnior

1. Universidade e pesquisa como prática.

Não é fácil iniciar de pesquisa interdisciplinar quando sua realização ainda não está inteiramente consagrada, embora científicamente seja aconselhável. Ela envolve, em primeiro lugar, um espírito de renúncia, da parte do especialista em uma disciplina; e, em segundo lugar, representa um esforço de coordenação, a que são chamados os especialistas, e para o qual as próprias ciências sociais ainda não estão inteiramente habilitadas.

Há que considerar também que não se formou ainda entre nós uma tradição fortemente prestigiadora da pesquisa social; quando se fala em pesquisa científica, quase sempre, ou sempre, se refere não só ao campo das ciências físicas e naturais, também chamadas ciências exatas. Estas cresceram seu prestígio com o desenvolvimento da tecnologia, quando se perdeu de vista o elemento fundamental no próprio contexto tecnológico, que é o horizonte.

A carreira desta tradição em pesquisa social faz mesmo com que ela seja mais individualizada que associada, no mesmo tempo que, com ela, se procura antes o encontro de uma solução imediata que a prática desinteressada ou a experiência aplicada visando a alcanceamento certos principios. De modo particular, pode-se dizer que a pesquisa social, não tendo criado ainda uma tradição, não consegue resolver problemas ou situações, embora possa indicar ou sugerir o que se deve fazer para essa solução.

Se não temos ainda uma pesquisa social tradicionalista, o consequentemente com ambiente prestigiado a seu maior

desenvolvimento, muito menor é a tradição da pesquisa interdisciplinar. Aliás, da carreira da tradição porque, a rigor, ainda não se praticou no Brasil. Se a própria pesquisa social, desinteressada, acadêmica, objetiva, ainda não criou o seu necessário ambiente, e não raro até se tornou suspeita, a pesquisa interdisciplinar tem existência precária; ou melhor, a rigor ela não existe. Ela não existe porque ainda não se praticou, tal como deve ser, tal como é necessário realizá-la, tal como como são suas normas e seus preceitos.

Esta existência ainda precisa da pesquisa interdisciplinar, que reflete, em parte, a própria precariedade da pesquisa social em geral, evidenciando existência de numerosos problemas que, envolvendo o próprio cientista social, contribuem para que não exista ainda uma experiência capaz de ser indicada ou sugerida como exemplo do que se deve fazer ou do que não se deve fazer.

É evidente que estamos falando do caso do Brasil — vamos logo deixar claramente. Não falamos em tese, como um princípio, mas especificamente nos voltamos para o caso brasileiro. A pesquisa social entre nós é relativamente recente, no contrário da pesquisa em ciências físicas e naturais que já criou uma tradição, inclusive de prestígio internacional, como testemunha o Instituto Oswaldo Cruz, para unificarmos a um único exemplo.

Numerosos são os problemas que envolvem a pesquisa social. O primeiro deles, a situação do próprio pesquisador social. Não temos formação de pesquisador. A partir da década de 30 quando se criaram os primeiros núcleos de ensaio.

no superior em ciências sociais, no Rio de Janeiro e em São Paulo, ensina-se a metodologia e técnica de pesquisa, mas não se aplica o conhecimento adquirido. O estudante aprende os métodos teoricamente, sabe as técnicas e o que representam, mas não é levado ao campo para aplicar os conhecimentos adquiridos através da exposição de professores.

Quase quarenta anos depois, a situação não mudou; a Universidade, de tudo quanto conhecemos — e se há exceções penso-me de não conhecê-las — não leva seus alunos à prática da pesquisa. Esta generalização permite considerar o que poderíamos chamar uma exceção: é que muitas vezes alunos de Universidade são levados à prática de pesquisa social por intuições específicas ou por órgãos outros, mas não universitários. Quer dizer: não é a própria Universidade que oferece a oportunidade da aplicação da pesquisa social, utilizando no campo o que foi teoricamente adquirido na sala de aula.

Não vejara nesta informação qualquer crítica direcionada à Universidade; procurei tão só constatar um fato. Há problemas legais ou administrativos que criam as dificuldades ora existentes. Lembo a esse respeito um fato, ocorrido, fui já alguns anos. Uns dois ou três professores de disciplinas sociais pensaram em organizar um plano de pesquisa na região em que se situava a Universidade, de modo que os estudantes tivessem um treinamento de pesquisa, nos diversos campi em que estudavam. Se não fosse exatamente uma pesquisa interdisciplinar, poderia considerar-se multidisciplinar, mas o objetivo principal era dar ao estudante uma experiência de aplicação no campo de métodos ou técnicas ensinadas em aula. Ouvidos outros professores, uns concordaram inicialmente, mas outros alegaram de imediato para uma circunstância: os alunos não podrían tirar sem aulas, enquanto estivessem na pesquisa de campo, porque a lei exigia — e exige — um determinado número de aulas por ano e a respectiva frequência da

aluno. Não é de surpreender que a idéia tenha então fracassado.

A tal envergadura de formação do pesquisador, outro problema há a acrescentar, em parte dela mesma decorrente: a falta de pesquisadores experimentados. Quer dizer, quando se planeja uma pesquisa social, é difícil encontrar pessoal já apto para o trabalho de campo. O primeiro passo então é preparar o pessoal necessário, de certo modo quase sumariamente, ou apressadamente, embora em condições que permitam a execução da tarefa da melhor maneira, e até certo ponto mais rapidamente, tendo em vista as próprias condições da pesquisa, é certo que hoje existem, não apenas em Universidades cursos de metodologia e técnica de pesquisa, mas nem sempre oferecem a aplicação prática.

Um terceiro problema deve ainda ser referido: o da própria natureza da pesquisa. Nem sempre é possível fazer a pesquisa de maneira acadêmica, isto é, sob dupla perspectiva: treinamento e formação do pessoal e obtenção do conhecimento de uma realidade objetiva a ser analisada sob diferentes ângulos, é a chamada pesquisa acadêmica ou desinteressada que seria justamente a função realizadora das Universidades. Ao contrário, o que sempre interessa, ou o que procura fazer-se, é a pesquisa chamada aplicada ou orientada, isto é, cujo objetivo é embencer um problema antecipadamente tratado a fim de que se obtemham elementos válidos para aplicação futura de soluções políticas ou administrativas. É o que se tem desenvolvido sobretudo com os problemas de planejamento, quando as pesquisas sociais objetivam o encontro de determinados problemas de uma realidade. Não é desinteressada no sentido de que esta visa ante a abordagem de uma situação com treinamento e formação do pessoal, e com a revelação do que é o elemento estudado.

Se tal situação, embora focalizada rapidamente, já nos evidencia a existência de problemas que envolvem a pesquisa social, mais grave será ela se particularizarmos a situação da pesquisa interdis-

ciplinar. De par com tais problemas gerais, que no caso alias se agravam, a pesquisa interdisciplinar apresenta ainda outros condicionamentos.

2. Pesquisa interdisciplinar e pesquisa multidisciplinar:

Da pesquisa interdisciplinar disse há pouco que ela apresenta dois aspectos que me parecem fundamentais acentuar: de um lado o espírito de renúncia do pesquisador, e, de outro lado, o esforço de coordenação dos especialistas engajados na pesquisa.

Quanto ao primeiro aspecto, é de salientar que este espírito de renúncia decorre do fato de que o especialista em uma disciplina social é levado a abrir mão de todo o instrumental de sua especialidade para aceitar o que é útil de outras disciplinas, e neste relacionamento absorver o que há de melhor em todas, sem fazer salientar a sua própria. Quer dizer: cada disciplina entra com sua experiência metodológica, mas, verifica-se então, se não uma soma, ao menos um ajustamento no que representa contribuição de cada uma para se apresentarem todas como uma unidade. Se a metodologia varia de uma disciplina a outra, a técnica a ser empregada se situa acima da cada técnica específica de uma disciplina. Torna-se uma técnica própria, muitas vezes podendo ser de uma das disciplinas, mas quase sempre envolvendo o que constitui contribuição das demais.

No que tange ao segundo aspecto considerando isto é, a coordenação a que são chamados os especialistas, decorre justamente dessa união de técnicas; cabe a esses especialistas encontrar o denominador comum em pesquisa, ou em uma pesquisa, das disciplinas que se unem para o trabalho. Pode-se ressaltar que ela é interdisciplinar, ou seja, uma atividade em que as disciplinas se relacionam e se unem entre si, para formar um todo único. Não há predominio, ou domínio, ou imperialismo de uma disciplina; antes as disciplinas interligadas procuram justamente aqueles elementos comuns em seus métodos e em suas téc-

niques, capazes de criar uma observação única, sem prejuízo — é evidente — do que representa a contribuição de cada disciplina social para a análise do problema tocado.

Justamente tal situação é que diferencia, desde logo, a pesquisa interdisciplinar da pesquisa multidisciplinar. Nesta — a pesquisa multidisciplinar — as diferentes disciplinas trabalham com seu instrumental próprio, não renunciam ao que possuem de próprio, nem socitam o que vem das outras. Cada especialista utiliza suas técnicas e seus instrumentos para aplicação do conhecimento de sua disciplina. Os trabalhos não se somam; completam-se. Quer dizer: cada disciplina atua como ela mesma é, com suas técnicas, com seus instrumentos, com seu sistema de observação e análise.

Estamos assim diante de diferenças fundamentais entre a pesquisa interdisciplinar e a pesquisa multidisciplinar. Se esta se torna mais comum hoje em dia, aparecendo sobretudo em obras nas quais um determinado problema ou assunto é encarado sob a interpretação de cada uma das disciplinas sociais, a primeira — a interdisciplinar — é menos comum; talvez mesmo se possa dizer a menor ainda no quadro da pesquisa social entre nós. Pelo menos, não tenho conhecimento de uma pesquisa que seja autenticamente interdisciplinar.

Na pesquisa multidisciplinar, cada disciplina, embora trabalhando em conjunto, atua com seu instrumental próprio, e com sua técnica adequada, mantém sua independência metodológica e interpreta os dados que lhe diram respeito de acordo com a dimensão científica em que se coloca. Os social surveys, de tanta divulgação na pesquisa social norte-americana, constituem um exemplo de pesquisa multidisciplinar. Sociólogos, psicólogos, sociólogos, economistas, historiadores, por exemplo, consultam a equipe, e cada um levanta os dados que são de seu interesse, os enquadra em sua disciplina, e os analisa sob a dimensão científica de seu instrumental. Se, evidentemente não se poderia separar, no

ambiente de uma comunidade, certos elementos da vida social e de vida profissional, de religião e de trabalho, o que o especialista procura é mais adequadamente o aspecto que lhe interessa, sem, entretanto, analisá-lo em relação com os demais.

A pesquisa multidisciplinar se desenvolveu bastante em estudos de comunidades ou de regiões; também através de pesquisas relacionadas com o desenvolvimento urbano. E se atrastrou depois a estudos mais amplos, em que a própria extensão dos aspectos existentes — sociais, educacionais, sanitários, psicológicos, econômicos, religiosos, por exemplo — exigia do especialista maior independência a fim de que pudesse abranger, no campo, vamos dizer, nacional, toda a gama de diversidades que cada aspecto em particular apresenta. Cada estudo ou pesquisa torna-se um trabalho de colaboração coletiva, individualizada cada disciplina.

Pode-se dizer que há uma associação disciplinar, mas não uma integração disciplinar. Desta associação resulta, muitas vezes, troca de idéias entre os especialistas, ou mesmo confrontação de resultados, aproximando estes especialistas, mas não há uma integração no nível de eliminar a visão aconchada ou própria de cada disciplina. Mesmo quando a equipe multidisciplinar trabalha para uma mesma instituição, a associação aproxima, mas não integra; completa as observações, mas mantém a independência de cada especialista, permite uma visão global do problema, mas não dispensa a interpretação própria de cada disciplina.

Não acontece o mesmo na pesquisa interdisciplinar. Nesta há uma coordenação acentuada dos esforços de cada especialista, e a pesquisa se apresenta de tal maneira integrada, que seus resultados se apresentam globalmente sem distinguir especificamente o que foi do sociólogo, ou do economista, do demógrafo ou do psicólogo social. O tema ou objeto da pesquisa é encarado em sua globalidade. Em resumo: estamos diante de uma pesquisa interdisciplinar, quando,

como salienta o professor Pierre Bourdieu (1), uma pesquisa incorpora as observações de várias disciplinas, e quando faz uso de esquemas conceituais e de análises que se encontram em muitos domínios do saber, fazendo-os convergir num resultado único, após comparados e julgados e analisados. Há, em conclusão, uma integração do saber.

Um aspecto relevante da pesquisa interdisciplinar se relaciona com a necessidade de cada disciplina definir previamente, através de sua perspectiva, aquilo que deverá estudar, ou estudará, em uma mesma realidade. E isto porque esta realidade é uma, e consequentemente será definida, antes da pesquisa, como objetivo a ser investigado, estudado e interpretado. Já ressaltava Gilberto Freire, em interessante conferência sobre a ciência e a arte de pesquisa social (2), que o fato que o observador científico observa não é um fato isolado ou puro, pois está sempre relacionado com outros fatos. A realidade, portanto, a ser estudada tem várias facetas.

No caso da pesquisa interdisciplinar, para que ela realmente exista, é necessário que se tenha estudado academicamente o relacionamento, os pontos de intersecção e o conjunto dos objetos de estudo específico de cada disciplina. Sem tal conhecimento, fundamental ao planejamento da pesquisa interdisciplinar, não se estabelece o suporte teórico necessário para que os pesquisadores, cada um em sua disciplina, possam saber onde e como sua disciplina se vincula com a de seus colegas pesquisadores.

Por tal circunstância, é dada preferência à pesquisa multidisciplinar, como se apenas o somatório de perspectivas pudesse preencher a interdisciplinaridade dos objetivos de estudo. É evidente, pelo exposto, e seria superfluo insistir a respeito, que são numerosas as exigências de uma pesquisa interdisciplinar, e nem sempre podem ser realizadas se lhe faltam condições propícias e adequadas para sua plena realização; é difícil integrar especialistas em pesquisa interdisciplinar, so-

bretudo porque não há apenas aproximação e mesmo, integração de saberes, mas sobretudo a possibilidade de fazer surgir um saber novo, consequência da diversidade de ângulos sob que se observam os fatos.

Dai porque a realização da pesquisa interdisciplinar é rara. Confesso não encontrar exemplo em pesquisas nacionais, de pesquisa autenticamente interdisciplinar; e acrescentaria, com as devidas reservas relacionadas com a pequena expressão de meus conhecimentos, que é mesmo rara sua realização em outros países. Lembro um exemplo que me parece muito importante, por sua raridade: o do "Centre International d'études des relations entre groupes ethniques" sediado em Paris, que se preocupa, não apenas com pesquisa interdisciplinar, mas também objetiva assegurar a formação de pesquisadores com ênfase, do ponto de vista metodológico, no aspecto interdisciplinar dos problemas estudados. Mesmo nos Estados Unidos, onde o desenvolvimento dos estudos de comunidade e os *social surveys* apresentam exemplos excelentes de trabalho em que disciplinas diversas atuam juntas, não seriam encontrados muitos exemplos de pesquisa interdisciplinar. As disciplinas podem estar juntas — ressalte-se — mas não integradas e simplesmente aproximadas.

Dois outros exemplos de pesquisa interdisciplinar podemos encontrar na América Latina, ambos na Argentina. No projeto geral "Ciencia y Tecnología y el Proceso de Industrialización Argentino", promovido pelo Instituto Torcuato di Tella (3), há um projeto específico relacionado à incorporação de inovações, estudada interdisciplinarmente pela Sociologia e pela Psicologia. O mesmo leitório elaborado faz-se em dar ao conjunto de variáveis, estruturais e psico-sociais, um status explicativo equivalente. A posição teórica não se fixou exclusivamente sociológica, nem decididamente psicológica; antes estabeleceu um status explicativo equivalente. Só na etapa de análise dos dados é que os pesquisadores interturário descobrir qual é o status e poder-

explicativo de ambos os grupos de variáveis: independentes — estruturais (económicos e sociológicos) e individuais (psicológicos e psico-sociais) e dependentes, quanto às inovações propriamente. Como tal pesquisa ainda se encontra em andamento, não temos notícia quanto aos seus resultados.

Em relação ao segundo exemplo, trata-se de uma pesquisa em que se associaram Sociologia e Antropologia Social, visando ao estudo do Vale de Santa María, na Argentina. As duas autoras da pesquisa, ambas antropólogas Suzana Petruski e Eliida Sonzogni, em comunicação ao 27º Congresso Internacional de Americanistas, em Mar del Plata (1966), revelaram o insucesso dessa colaboração interdisciplinar. O estudo que se intitula "El valle de Santa María, un intento de colaboración de la Sociología con la Antropología Social", foi comentado no mesmo Congresso pelo Professor Achim Schrader (4), que em sua análise do trabalho ressaltou que o desentendimento principal, que levou a pesquisa ao fracasso, foi o seguinte: os sociólogos não desenvolveram um sistema próprio de hipóteses para deduzir das quais os métodos aplicáveis e recomendáveis à ciência irmã; os antropólogos, de seu lado, não desenvolveram definições operacionais próprias, não construindo suas próprias ferramentas de trabalho.

O referido professor Schrader, neste comentário, faz observações bastante interessantes em torno da pesquisa interdisciplinar, enfatizando principalmente dois aspectos: o problema a ser pesquisado deve ser definido independentemente em cada visão disciplinar a ser usada; e a colaboração interdisciplinar deve limitar-se a algumas fases da pesquisa, ficando em outras que se desenvolva o trabalho sem interferências. A estas duas, que se nos afiguram as principalmente resultadas pelo sociólogo alemão, outras fazem ressentir como recomendações a projetos interdisciplinares, em geral problemas a serem devidamente considerados na pesquisa interdisciplinar.

Talvez nenhuma disciplina social como a Antropologia possa apresentar exemplo de aproximação e, sobretudo, de vinculamento maior com outras disciplinas, usando o conhecimento de sua dimensão na caracterização de determinados temas ou estudos. Foi com a Antropologia, então ainda em seus primeiros passos nos Estados Unidos, que os estudos de comunidade tiveram maior desenvolvimento, não se colocando o antropólogo como multiespecialista, mas procurando situar a comunidade em plano que lhe permitisse conhecer o espaço físico ocupado, a história de sua formação, os elementos humanos que dela participam, as características dessa população, sua organização social, suas práticas religiosas etc. Não se trata, nesse caso de pesquisa multidisciplinar, ou interdisciplinar, mas tão só identificar não apenas valores culturais da comunidade, mas igualmente sua projeção no tempo e no espaço; ou seja, em resumo, com, porque, onde existem esses valores culturais.

A Antropologia recorre à colaboração que outras disciplinas lhe podem empregar, não como campos particularmente específicos, mas como colocação da dimensão homem em suas váriasasaspecias. O que não quer dizer — repita-se — seja uma pesquisa multidisciplinar ou interdisciplinar. O conhecimento da História, da geografia, das classes humanas da comunidade proporcionava, nesse um visão geralmente histórica, geográfica ou demográfica, mas tão só o enxoval de se conhecer o ambiente em que os valores culturais se haviam implantado e ali viviam.

O homem, como fenômeno humano, assim múltiplo e variável, necessita para ser compreendido — é observação nata de Jorge Díaz (3) — tomá-lo como um todo complexo, composto de inúmeras facetas a serem analisadas, uma a uma, e no seu conjunto. O homem constitui uma totalidade de interrelacionamentos, isto é, da sua presença em todos aqueles fatos que ele mesmo cria e em que os quais registra sua vivência. São as diversas facetas humanas que o ho-

mem representa, e que por isso mesmo exigem, na diversidade de seus aspectos, uma perquirição que focalize todos os seus aspectos, e não apenas um deles. Daí o interrelacionamento de facetas que oferecem a complexidade do homem em sua vida social.

Ainda hoje os estudos de comunidade apresentam essa característica; o de reconstituir, através da visão física, histórica, demográfica, por exemplo, a vivência do grupo culturalmente estudado. E o que se poderia chamar uma técnica multidimensional — as várias dimensões oferecidas pela comunidade — mas num só uma pesquisa multidisciplinar; e muito menos, interdisciplinar.

Certos campos encontram na pesquisa interdisciplinar objetivo altamente propício; os estudos a serem realizados, sob a perspectiva interdisciplinar, evidenciarão, melhor que sob a perspectiva multidisciplinar ou apenas unidisciplinar, suas características como problemas tornados e capazes, neste visão global, de serem melhor encarados e consequentemente melhor solucionados. O caso do planejamento para o desenvolvimento, também o do desenvolvimento comunitário; ainda o que os franceses chamam de "aménagement du territoire"; igualmente outros temas encontram, na pesquisa interdisciplinar, possibilidades muito mais ricas que um estudo isolado, sob a ótica de uma só disciplina.

3. Folclore como campo de pesquisa interdisciplinar.

O que é ou o que se torna interdisciplinar é o objeto da pesquisa, não a rigor a pesquisas em si mesma. Porque elas só proficia tendo em vista o objeto a ser pesquisado. Daí porque na pesquisa interdisciplinar não se servem métodos ou técnicas, mas se aplicam culturas que vão se constituir em saber único através do qual se investiga, se analisa e se interpreta, o fato, ou seja o objeto da pesquisa. Claro, portanto, que, em muitos temas ou objetos, como é o caso da comunidade, pode-se aplicar a pesquisa multidiscipli-

nar, mas nem sempre se torna adequado convenientemente à pesquisa interdisciplinar.

De certo modo é diferente o caso do fato folclórico. Isto quase sempre é passível de constituir-se objeto de pesquisa interdisciplinar. Isto que o fato folclórico constitui um elemento expressivo da cultura popular, que se manifesta através das diferentes formas que traduzem o comportamento coletivo: a História, a cultura, a psicológica, sem esquecer a participação social. O fato folclórico, cultura expressão de cultura popular, insere-se no contexto da cultura geral. Situa-se, pois, numa visão da cultura total em que o fato folclórico se manifesta. De modo que é necessário dar uma ideia do conteúdo da cultura global onde se manifesta, ou é colhido, ou observado.

É tema este em que os especialistas em folclore insistem: há conexão entre o fato folclórico e a cultura global. E buscando referência em um especialista da mais alta autoridade, o Professor Heger Hasside, vale lembrar que o folclore só é compreensível quando incorporado à vida da comunidade, e fato folclórico participa de um conjunto estrutural (6). Daí que, cabe repetir, todo fato folclórico está relacionado com outros fatos, em consequência do que, no estudo da fundo, poderemos recorrer à colaboração de outras disciplinas.

O fato folclórico, porque inserido na sociedade cultural ou uma sociedade, pode ser estudado sob várias dimensões, pelas quais sua análise identificará todas as suas características; e entre elas: a antropológica, visto o homem criador desse fato no grupo respectivo em que emergiu o elemento estudado; a sociológica, registrando como este fato é recebido na sociedade e como vota o incorporar; a psicológica, procurando interpretar seu comportamento quanto à sua maneira de ser dentro do grupo e o sentimento deste; a Histórica, quando estuda suas origens ou seu aparecimento em determinado momento, tendo em conta a história da sociedade respectiva; a geográfica, identi-

ficando sua área de expansão e o que poderia chamar seu comportamento ecológico, isto é, sua relação com o ambiente, e ainda outras dimensões conforme o próprio fato.

Vale insistir, nenhuma fato em uma sociedade é isolado, pois o homem é envolvido pelas diferentes dimensões de sua vivência. No caso do folclore, ainda mais nítida se torna esta situação, pois se o fato folclórico traduz uma parcela da cultura popular, na realidade esta se insere no contexto da cultura geral. Uma lenda, por exemplo, ela representa uma expressão da cultura popular, mas está encadrada no sentimento da população pelo que traduz psologicamente; ou ainda pelo que traduz de reminiscência histórica; ou também pelo que evidencia da maneira de sentir do grupo humano. Ou seja, em resumo, a Psicologia, a História e a Antropologia ajudam a interpretar a lenda.

E como na lenda, em outras manifestações tanto da literatura oral como da cultura material, dimensões disciplinares diferentes podem estudar o fato folclórico, fazendo-lhe as características que o situam na cultura do grupo ou da comunidade em que se manifesta. O caso igualmente, para outra exemplificação, da medicina popular. Ali podemos ver quanto seu estudo reclama a contribuição não apenas das técnicas de pesquisa antropológica, se não também — por exemplo — da sociológica, da psicológica, da geográfica, da botânica, da médica.

3.1. O caso da medicina Popular.

Reportando-nos ao professor Alceu Maynard Araújo, lembrar este autor, dedicado à pesquisa da medicina popular, que as práticas dessa medicina necessitam melhores observações, não se podendo destaca-las pura e simplesmente sem estudar seu contexto cultural, sem participar da vida e da interação daquelas que dão as informações (7). Quer dizer: participar do contexto cultural da sociedade estudada, cuja população ex-

pressa sua maneira de viver, inclusive quanto às próprias manifestações folclóricas. Daí porque no estudo dos fenômenos da cultura popular de que não se exclui a medicina popular, em suas formas mágicas, de rímedos, de curas, não se pode ignorar a sociedade em que se manifestam e, de modo particular, nem deixar de conhecer a função social destes fatos.

Do que foi dito — o creio que seria esta conclusão a que não se pode fugir — é de verificar que o fato folclórico pode ser estudado interdisciplinarmente. Com as cautelas e as idenias, os cuidados e as precauções que em toda a pesquisa interdisciplinar os especialistas recomendam que se devem observar para que não seja ela levada a fracasso, tornando o esforço dos pesquisadores inútil e vão.

NOTAS:

- (1) Pierre de Boe, *Introducción*, *Revue Internationale des sciences sociales*, Volume XX (1966), nº 2.
- (2) Gilberto Freyre, *Sugestões em torno da ciência e da arte da pesquisa social*, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Rio de Janeiro, 1969, p. 16.
- (3) Ruth Santa y Catalina Weinerman "La incorporación de innovaciones: un enfoque interdisciplinario", *Revista Latinoamericana de Sociología*, Vol. V, I, julho 1970, nº 2, p. 318/327.
- (4) Achim Schröder, "Colaboração interdisciplinar nas ciências sociais: função ou fracasso?", *Boletim Informativo*, Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Filosofia da Universidade Federal, Porto Alegre, RGS Brasil, dezembro de 1966, p. 5/14.
- (5) Jorge Dias, "Introdução ao estudo das ciências sociais", in *Colóquios sobre Metodologia das Ciências Sociais*, Col.: Estudos de Ciências Políticas e Sociais; 15. Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, 1968, p. 26.
- (6) Roger Bastide, *Sociologia do Folclore Brasileiro*, Editora Author, São Paulo, 1969, p. 9.
- (7) Alceu Maynard Araújo, *Medicina Rústica*, Col. Brasiliense; 300, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1961, p. 253.

* PALESTRA DE ABERTURA DO I SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR FEITA PELO PROFESSOR MANOEL GREGÓRIO JÚNIOR, PRESIDENTE DO CENTRO LATINO-AMERICANO DE PESQUISAS EM CIÉNCIAS SOCIAIS, PROFERIDA NO DIA 21 DE FEVEREIRO DE 1972.

tentativa de filologia comparada na história do piauí

Vint de Fevereiro

Não é fácil exagerar a importância da íntima relação entre a linguagem e a história, esta naquele sentido filosófico de, não apenas catalogar fatos cronologicamente, donde o nome de "crônicas", mas também no de concatená-los, analisá-los, diagnosticá-los e, mesmo, sobre eles prognosticar, levando isto a conclusões irrecusáveis.

O que, alias, não foi de maneira nenhuma estranho a nosso velho historiador João de Barros, que, não contente em registrar os fatos como CRÔNICAS, desceu mesmo a DECADAS, isso deixando, entretanto, de filosofar sobre os sucessos apreciados, de ser lógico e dialético, coisa não de admirar, quando atendemos a que o co-donatário da Capitania do Maranhão foi ainda romancista e gramático, o que não era coisa de novidade para seu tempo. Não se podendo deixar de frisar que já os antiquíssimos Cronistas Judeus tinham a preocupação de mostrar a interrelação entre os atos e as atitudes de seu povo, seus sacerdotes, suas dirigentes e seus reis, bem como a imponência de leis sociais inflexíveis, naquela fatalidade para a qual tanto chamavam a atenção, inarredáveis como a que decorre de sementeira e ceifa.

Donde se vê quanta razão assistiu a Karl Vossier ao afirmar que concomitantemente com o nascimento do ANTHROPOS LÓGICO, ocorreu o do ANTHROPOS LOGICO, entendendo que jamais existiu linguagem sem raciocínio e, consequentemente, a importância do papel que a língua desempenha em relação à História, não aumenta para o registro, porém, calhanche para a elucidação dos fatos históricos.

Cresce então de importância o estudo da Filologia, principalmente da Filologia Comparada, levando-se em conta que foi a descoberta do Sânsrito, através dos estudos do jesuíta COEDDOUX, comparando esse idioma com o Latim, e mais tarde os de Sir William Jones, comparando a estrutura gramatical dessas duas línguas e do Gringo, levaram à conclusão de que as três se haviam originado de uma língua mãe inteiramente desaparecida.

Nesses estudos para logo se distinguiram o dinamarquês Rask e, entre outros, o alemão Franz Bopp, autor da primeira GRAMATICA COMPARADA DAS LINGUAS ARIANAS. Tudo dando enorme impulso às pesquisas e ao estudo da Filologia Comparada, em bases as mais sólidas, como de sobejó o demonstrou a nunca por demais louvada GRAMATICA DAS LINGUAS ROMANICAS, obra magistral do célebre Frederico Fier, o pontífice da importante ciência.

Essas considerações têm a propósito de uma já agora não mais explicável dúvida em relação à história do Piauí. Nosso estudo é indefeso confirade Dr. Odilon Nunes deixou o mais claro possível, no seu luminoso trabalho de investigação "Desenvolvimento e Conquista do Piauí", que DOMINGOS JORGE VIEIRÃO para aqui veio antes dos irmãos AFONSOES, aqui lheceu, estabeleceu-se e permaneceu por muito mais tempo

do que qualquer deles dois, mesmo o JULIAO, que aqui continuou após haver o Mafrense transferido domicílio e residência definitiva para Salvador, Bahia.

Mas de certo não faltará quem ainda persista na dúvida, apesar dos esclarecimentos conclusivos constantes desse precioso trabalho de nosso renomado historiador, arrimado em razões como as do Ilustre Eugénio Porto e do igualmente ilustre sobrinho de Barbosa Lima, como ele excepcional governador de Pernambuco.

Mas acontece que o linguajar do caipira piauiense (sómente do caipira?), mostra particularidades, precisamente na região em que mais deve ter influído a permanência de Domingos Jorge Velho e de seus paulistas, de tal maneira irmanados com o gentio que o desbravador tão bem sabia domesticar que, quando o pacificador das serrões viajou, para combater os Palmares, desviou-se antes de atingir sequer a Paraíba, de ordem superior, para o Rio Grande do Norte, onde mais urgente se fazia sentir a necessidade de sua ação, e em viagem para Alagoas, levava consigo mais de mil e trezentos guerreiros, prontos a lhe obedecerem em tudo e a dar a vida em prol do êxito de sua guerra, a maioria constituída de índios pertencentes a tribos indiscutivelmente do Piauí, nunca de Alagoas ou Sergipe, numa admirável harmonia de ideais de um por todos e todos por um. Particularidades que só logo surpreendem o piauiense e até o pernambucano, como aconteceu com um dos maiores filólogos e homens de estudos do Pecife, o renomado Prof. Jerônimo Guiziros, de tanto destaque que viveu os quase dois últimos decênios de sua grande vida como Presidente praticamente perpétuo da ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS, sendo de notar que cada iniciativa em favor de sua re-eleição era sempre encabeçada por sucessivos católicos, seus admiradores, num sotaúnio em que brilhavam nomes como os de D. Sebastião Leite, D. José Pereira Alves, além de outros como Monsenhor Jerônimo Assunção, que chegou a governar Pernambuco. Não se devendo deixar passar despercebido que se tratava de filólogo a quem José de Sá Nunes, um dos maiores deste país, em manifestação provocada por ponto de vista gramatical sustentado isoladamente por este escrivinhador, qualificou de O MAIOR DO NORTE, naquele tempo (segundo quartel deste século), era Pastor Presbiteriano e o maior orador sacro de sua denominação religiosa.

O que se explica porque o maior poeta do Recife, sua cidade natal e em que sempre fez questão de viver, o inesquecível OSCAR BRANDÃO, autor daquela primor que é a letra do Hino Oficial de Pernambuco, em soneto publicado num jornal cuja edição se destinava a homenagear aquele meu saudoso Mestre, encerrou-o com a chave, dizendo que Jerônimo "vale por todos nós, vale por mil". Esses "todos nós" eram os quarenta imortais da tão excepcionalmente brillante Academia Pernambucana de Letras.

Dera-se o caso de que me atrevi a submeter ao julgamento de Jerônimo Guiziros a singela tese que preparei com o título de FALSA ANALOGIA GRAMATICAL, com a qual me

pretendia candidatar a Professor do então Liceu Piauiense, cadeira de Português, anseio obstruído pela incompatibilidade com o ensino superior, dada que neste ingressara, pelas diligências da vida pública piauiense, antes da oportunidade para o nutrir concurso. A tese foi por primeira publicada, por insistência desse precioso piaocense a que tanto e merecido destaque deu a vida pública no Ceará, Deputado Flávio Marcellino, parcialmente e em três números seguidos da REVISTA CONTEMPORÂNEA, de Fortaleza, com elogios que me não atreveria a tornar público.

Tratava-se de trabalho em que me esforçava por demonstrar constituir-se, como uma de várias falsas analogias gramaticais, o emprego por grande parte de piauienses, de expressões como "para mim comer", "para mim ler", "para mim fazer". A falsa analogia, como se está a ver, consiste em que imaginam os que a usam, intuitiva e quicí hereditariamente, mesmo os letrados, que a preposição PARA tem como regime o pronome apontado geralmente como sujeito do verbo no infinitivo, em lugar de estar, como realmente se verifica, regendo todo a cláusula substantiva, sua função final, conforme acontece muitas vezes com substantivo regido dessa preposição, pois o que se está significando é que o livro é "para eu ler", o exercício "para eu fazer", o manjar "para eu comer". Por isso mesmo, quando o verbo no infinitivo é devo que em regra não podem objeto direto de pessoa, a expressão é esta: "ele erô nós estarmos prontos", "suponho ele já ter chegado" etc. E como há sempre um certo receio do uso de pronome reto após e em seguida a verbo transitivo direto, preferem muitos escreverem "ele erô estarmos nis prontos", "suponho já ter ele chegado".

Então o Prof. Gueiros me ofereceu precioso trabalho que acabara de publicar e em que criticava o fenômeno sintático, que observara durante ligeira estada em São Paulo, e que supunha ser exclusivamente paulista, donde se admirava de que tal fenômeno também fosse constante no Piauí.

Acontece que, quanto ao vocabulário, que obviamente não será aquilo que se reveste de mala significação para o caso, a afinidade do sertanejo piauiense com o paulista é deveras notável, como se pode colgir do DIALETO CAIPIRA, de Amadeu Amaral, numa comparação prévia com a LÍNGUA DO NORDESTE, de Marroquim, e a LÍNGUA DO BRASIL, de Gladstone Chaves de Mello, no qual são comparados os termos a que o povo letrado e mesmo muita gente letrada no Piauí, empregava significação idêntica à que lhes atribui o matuto de São Paulo e que não é contraditória em outras regiões do Brasil. Basta considerar-se, muito por alto, estes exemplos:

Abanque-se — sente-se. Acauso — casualidade. Arranchar — posar. Agorinha — neste instante. A tca — sem malícia. Arcançá — atingir. Bertolamu — Bartolomeu, dando o diminutivo Bertinho. Bico — certa renda. Bocaina — abertura em "ura". Bralo — zangado, bravo. Brinquete — iliar. Calção — peça de roupa feminina. Calça de prego — turvâculo. Cachorrada — cachorrice. Caçista — caçador. Caídos — paqueirice. Cadeirinha — duas pessoas levarem al-

guém sentado nos braços. Caiporismo — azar persistente. Cambra — câmara. Calombo — inchação. Canistra — bas. Candiéro — lamparina. Cagapé — cambapé. Caninana — mulher má. Capaçao — castração. Capado — porco castrado. Carteretô — certa dança de roda. Catunga — meu cheiro. Catinguento e catingudo — mal cheiroso. Catingueiro — certo veado. Ceva — engodo para acostumar peixe ou caça. Chama — ave chamariz. Chiqueradô — certa espécie de reino. Chiranga — seringa. (Amadru o atribui à influência italiana, mas certamente os paulistas já usavam a pronúncia antes da imigração italiana). Cuarar — curar a rmspa lavada. Coore — cocorote. Colocim — dador de cores. Cumoa — latrina. Corgo — pequeno riacho. Corredem — espécie de cachoeira. Cravino — espingarda antiga. Criolo — negro ou gado criado na fazenda, natural dall mesmo. Cumiuca — cabaceira ovinaida. Curic — diarréia. Cururu — certo sapo. Cudilo — ato de cuchilar e desenredo. Danado — furioso, e com a preposição *DE* excessivamente. Espiritado tem os mesmos sentidos, exemplos danado de difícil, espiritado de bom. Desbocado — de linguagem torpe. Descurabear — fazer desviar para o mal. Desempenho — galhardo. Desenchabido — insípido, desgracioso. Despachado — franco, o mesmo que destachado. Despotismo — grande quantidade. Discrenosoito — idem. Detorcejo — decidido. Destro — com a preposição *A*, expressão que se usa exclusivamente tratando-se de animal de sela que em viagem se traz como sobresselente. Diacho — forma supersticiosa do diabo. (Estranhavam quando o Autor o empregava alhures). Tudo isso, definições de Amadru Amaral. E mais, para não alongar extremamente: Dordóio, Index, erado, escoia, esfrega, expartamar, espacular, equipar, função — festa, gangorra, gatupa, garra, garrucha e garruncha, goloso, guará — aquela ave escarlate comum no delta do Parnaíba. Guminhar, gun-guny, imbrincu, impacudo, inticu, iscar (o cachorro), iureteiro, injuado — inteirado, invader, janta, em vez de jantar, jitramboia ou tiranabóia, irau, joão de barro (ave), juiduão, madurra, mandinga, mamona (no Nordeste — carregadeira, donde filo de carrapato, requicio da RICINUS do Lílio). Tudo uso do caipira paulista.

E ainda alguns, dos muitíssimos que temos de omitir: Mezinha, moyno, muxiba, pagoca, pandeiro, queimado — bala de rapatura ou açúcar, pedaco (tempo), pídua, pinicar (termo aquele capim que larga espinhos difícil de extrair da roupa e muito incômodo, a quem chamam PINICO). Pitá, porretada, porvarinho, uracano, pusado (aumento em prédio rústico), serragomhice, Sinharinha, sustância (força, vigor), tenda (de alfaiate, ferraz, etc.), varanda (sala de jantar).

Entretanto, como se disse, o importante é o que diz respeito à sintaxe, em que basta acenhar as expressões — "a pessoa que eu vinha com ela" e "ele trouxe estas frutas para mim comer". Note-se que no primeiro caso, ou seja a omisão da preposição como em "o jornal que eu falei", ou "a roupa que eu estava vestido" já são expressões constantes em jornal que se preza e que a outra, "uma pena para mim escrever" já tem sido ouvida em locutores de televisão de S. PAULO.

Aliás trata-se do que chamei "falsa analogia gramatical", como a que nos veio das primórdios da língua, donde aprendemos a dizer: "não nos deixes cair em tentação", caso em que se classificou o pronome regime como constituindo antilogismo, isto é, dupla função, sendo a um só tempo objeto direto de "deixes" e sujeito de "cair", quando a verdade é que o objeto de "deixes" é toda a criação substantiva "nos cair em tentação", consistindo-se a falsa analogia precisamente nisso em se supor que o pronome é objeto do verbo auxiliar modal, simplesmente por vir imediatamente após verbo transitivo direto. Tanto assim que, se o verbo não pede objeto direto de pessoa, o pronome permanece na forma reia, assim: "ela crê nós estarmos prontos", porém como a alguém pareceu feio aquele "crê nós", preferiu-se dizer "ela crê estarmos nós prontos", naturalmente para evitar alguma equívoco.

Pois se trata de igual falsa analogia — como o pronome regime vem imediatamente depois de uma preposição, sendo do gênero das línguas ocidentais que preposição rege caso obliquo, os paulistas, como os piauienses, provavelmente influenciados por elas *ab initio*, não supririam dizer "para eu" na suposição de que a preposição, como no outro caso o verbo, rege o pronome e não toda a cláusula infinitiva, e achariam por bem dizer "para mim comer", "para mim fazer", etc.

Note-se, não estamos querendo aventar uma tese, porém levantando a loba, como humilde vira-lata. Os ibreus que aristocraticamente a agarrhem, ou melhor, o caçador perito que a fulmina com corteiro tiro.

Contudo acha-nos que não será impossível a quem tem paciência para as mangas estudar a importância dessa semelhança vocabular e até sintática, a fim de se certificar de que nossa colonização começou com paulistas, sob a égide de DOMINGOS JORGE VELHO, colonizador dos que a sociologia classifica de horizontais, ao contrário dos AFONSOS, que já eram, como elementos da CASA DA TORRE, colonizadores verticais, mas não se podendo negar que o pioneiro de nossa colonização, dada sua índole de estabilidade e a ecologia do PIAUÍ, logo se transformou em colonizador vertical, estável, permanente, como se tornaram sua viúva e seus desternidos colaboradores, mesmo porque nosso sibilizado historiador mestre ODILON NUNES sempre sabe o que diz e sempre tem base no que afirma nesse caráter, como em tudo mais.

Frei Serafim de Catânia - uma Glória para o Piauí

Lilianha Carvalho

Em 1874, procedente de Recife, onde era prefeito da Penha, chegou à Teresina Frei Serafim de Catânia.

Não se podia dizer que fosse um homem bonito. No entanto, a sua pessoa irradiava uma distinção tão grande que atraía a todos. Os raros cabelos brancos, a barba longa, e estatura elevada não obscureciam a magisca de seus olhos amarelos e a humildade e delicadeza no traço.

A despeito da idade, Frei Serafim não demonstrava cansaço da longa viagem que fizera para chegar a Teresina. De Caxias até Timon, no Maranhão, multidão enorme o seguira a pé.

Furam recebê-lo os principais famílias piauienses, em vapor fretado para tal fim. Entre os presentes, encontrava-se o Presidente da Província, Adolfo Lamego Lins, autoridades civis e militares.

Ao desembarcar, a multidão em demônio dava-lhe vivas e atirava-lhe flores. Os foguetes estrepitavam no ar, os sinos repicavam festivos, e as bandas de música saudavam-no com entusiásticos hinos de boa-vinda.

De Timon o cortejo dirigiu-se para a Igreja do Amparo, latando completamente o Templo.

Frei Serafim ao entrar na Igreja, a Salvo Ralha acompanhado por todos os fiéis. A seguir, falou aos presentes com voz pausada e serena:

"Eu vim trazer a paz aos homens do Piauí, mas sonhante aos homens de sua vontade; aquela mesma paz que os uniu em alvoroco de alegria, entoando festivos hinos, anunciam aos pastores, quando nasceu o Redentor do mundo, aquela mesma paz que Jesus Cristo, no momento da separação dos amigos discípulos e de pronunciar o axéus da despedida, legou-lhes sob o mandamento de transmissão à posteridade; aquela

mesma que Ele, o Divino Mestre, deu ao mundo, não como o mundo a custuma dar-nos que modo mundus dat, ego do vobis; finamente aquela mesma paz que meu antecessor frei Dorotheu, de sua dada memória, já havia desejado e pedido para os cristãos desta província.

Rogo-vos, queridos filhos, que todos me recebam como humilde filho de São Francisco, vagando por essa terra em demanda das ovelhas tremelhadas do upisco do Senhor, pois não almejo outra coisa senão cumprimento do Céver — combater a heresia e a impiedade entre quer que o monstro se levante".

Exausto, foi levado ao Palácio do Governo onde lhe haviam reservado aposentos. Mas, Frei Serafim era humilde demais para tão grande luxo, e, como tal, sentiu que aquele ambiente não lhe era apropriado. Mudou-se para uma mesia águia, de propriedade do senhor Gentil Mendes, próximo a casa dos "Educandos". Ali, em frenz, fez levantar uma latada coberta de palha de carnaúba, onde recebia as pessoas que o procuravam.

Frei Serafim não tinha vindo com a intenção de construir novo Templo.

Movido o desejo de reconstruir a Igreja de Nossa Senhora das Dores, que, já em final de acabamento, desabara, salvando-se apenas a capela-mor. Todavia, ao verificar que a obra estava sendo muito bem administrada, passou a idealizar a edificação de uma nova Igreja no "Alto da Jumbeba," que se lhe afigurava magnífico pela imponência do local: Um ponto elevado na planície encantadora!

Para algumas pessoas parecia verdadeira temeridade a lembrança do velho transepto. Como poderia pensar em erigir um templo, se não tinha dinheiro e havia pouco que aqui chegara?

Mas, Frei Serafim não meditou um segundo em sua falta de recursos. Deus lhe dará os meios.

E no Alto da Jurubeba, deu inicio a Igreja de São Benedito, hoje conhecida e admirada por todos quantos a frequentam.

Seguro de si, e como que impulsionado por mão invisível, o Santo espinchinhos via chegar ajuda de todos as classes sociais de Teresina. Ricos e pobres, de milés unidas, levaram sua parcela de cooperação. O material ia-se acumulando. Pedra, barro, madeira, tudo carregado nos embros suados do povo, e depositados em barracão improvisado para recebê-los. Até a água era igualmente levada em potes de barro das pогоes de Gentil Mendes e Maria Cruz.

Os trabalhos corriam lentos, pois eram poucos os recursos, e muito importante a obra em arrejo. Deus porém queria testar a fé do seu discípulo, e foi assim que um mar de desespero tomou conta daquela gente heróica. A varinha começou a griegar em toda parte. Da mais rica residência à mais miserável palhoça, os gritos de dor e desespero abanavam estrada afora, naquele ano terrível de 1873.

Frei Serafim de Catária viu sua gigantesca obra paralisada. Mas o seu misericórdio não poderia decepcionar o seu escravo. E de cara em cara ia levando seu conforto espiritual, falando nos incréus, abençoando-os e encorajando-os.

Quando a maldita varíola começou a declinar, o povo reconhecido pela bondade de seu escravo confiante, passou novamente a ajudá-lo a continuar na formidável tarefa. E no "Alto da Jurubeba", já se divisava, imponente, o arco-bouço da sun tão amaldiçada Igreja de São Benedito.

Passaram-se dois anos. A construção arrastava-se vagarosa, pois as dificuldades cresceram dia a dia. Só mesmo um espírito tão forte e de fé tão arraigada, não desanimaria frente a tamanhos obstáculos.

E foi em meio a tantos problemas que a calamita seca de 1877 assolou o nordeste brasileiro! Igual à peste, ou pior que ela, in desanimando a todos.

Fugindo, vindo do Ceará, invadiram o Piauí, a procura de melhores dias.

Mulheres, carregando crianças farrinhas e seixinhos, formavam um quadro de dor e miséria indescritível. As famílias abastadas seculas piedade. Os abastados trocavam os pertences por um prato de farinha ou um quilo de feijão. Um colar de brilhantes era negociado por uma manha de carne seca, e até a agua pura beber era escassez.

O Sol, abrindo, torrava a terra. As árvores, suas fantasmagorias enegrecidos, transformaram a paisagem num campo deserto e tenebroso!

Teresina transformava de infelizes visitantes! O Governo do Império prestou ajuda aos seus irmãos: menas abatidas. Comidas foram criadas a fim de fornecer viveres e remédios ao povo.

Frei Serafim, qual buda benfeitor, acudiu a todos, levando seu consolo amigo aos miseráveis, animando aos doentes e rezando com elas.

Em compensação, entremos e plenamente unidos e religiosos se tornaram venerando seu mestre espiritual e dando-lhe ajuda dentro de suas possibilidades.

Finalmente a crise foi vencida! Com a chegada do inverno, em 1879, a situação normalizou-se. Os retinantes voltaram às suas terras e o Piauí tornou a equilibrar-se.

Frei Serafim de Catária era um homem de fé e por isso venceu. A Igreja que estava construindo com tanto sacrifício teria o nome de São Benedito. Mas o de São Benedito preto, pois há outros São Beneditos brancos. O Santo, natural de Sicília, era filho de escravos plaudos e cristãos. Seus pais para livrar os filhos de tão dura sorte resolveram guardar castidade. E ele, prodígio quando o Sacerdote dos escravos descobriu a verdade, admirou-se de tal forma que prometeu dar liberdade ao primeiro filho que

nascesse do casal. E foi por isso que São Benedito se viu livre do julgo cruel da escravatura!

Criado por pais tão virtuosos, em pouso em um medo de bondade. Muito sozinho por imenso desejo de cor. Indiferente as ofensas que recebia, mais humilde e caridoso se tornava. Evitava as desordens e procurava instruir os filhos a serem mais confiantes em Deus. Com o passar do tempo fui-se fazendo admirado e amado, mas, temoroso da popularidade, recolheu-se no clausório. Só na Irmandade de São Francisco, nenhuma sentia-se em paz consigo mesmo! No silêncio do clausório, estava sua verdadeira felicidade! O que nos causa admiração e paixão, o que nos leva a acreditar no sobrenatural é que, não possuindo São Benedito a mínima instrução, a ponto de não saber ler, chegou de maco cozinheiro a que havia sido incumbido pelos frades da Ordem de São Francisco, a guarda do convento. Isto porque tinha imenso poder de esclarecer a Bíblia em seus mínimos detalhes, até mesmo entre os doutores. Depois de morto, começaram as romarias a seu túmulo, e os milagres a se espalharem e tumarem volta. Com a devoção de São Benedito, seus irmãos de cor viram a possibilidade de ser tratados de outra maneira. Também eles eram filhos de Deus, amados e abençoados pelo Criador do Universo! Cruceriam na consideração da nova e maravilhosa visão como irrmãos mereciam afetuosidade! Para eles, portanto, era um prazer sem conta assistirem às homenagens prestadas por esses Senhores aguado Santo. Vê-los curvarem-se diante de um homem, cuja cor, alié antigo, era considerada pelos brancos uma doença repugnante!

O prestígio de São Benedito cresceu de tal forma que pesou na balança em favor da abolição da escravatura!

O trabalho da Igreja iniciado a mais de dez anos por Frei Serafim de Catânia, corria devagar. E só no mês de 1886, ficou constituido. José Mariano Teixeira ofereceu a imagem de São Benedito em

tamanho natural, para ser colocada na Igreja.

Frei Serafim desejava prestar ao povo do Piauí uma homenagem. Para tanto, fez a São Luis do Maranhão pedir ao Exmo. Sr. Bispo Diocesano o favor de vir pessoalmente benzer a Igreja de São Benedito que tanto sacrifício havia custado nos paulistas. E foi assim que em maio de 1886, o vapor "TERRASINA", todo engalanado, trazia a honra o Exmo. Sr. Bispo Diocesano D. Antônio Cândido de Alverenga. As ruas reerguiam de pessoas. O interventor também se fez presente com cestas de visitantes:

D. Antônio Cândido de Alverenga, trajectamente vestido, deu início ao Santo Sacrifício da Missa, assistido por Frei Serafim de Catânia e os padres Leopoldo Damasceno Ferreira, Álvaro José de Lemos, Honório Serafim, (Vigário Geral) Pe. Tomaz de Morais Rago, Vicente Galvão e José de Almeida. A procissão, como não podia deixar de ser, dada a imponência de que se revestia, foi demorada. D. Antônio saiu nos flés em púlpito armado fala da Igreja, junta a entrada principal. E, perante todos enalteceu a obra de Frei Serafim de Catânia que, aos 75 anos de idade, enfrentando misérias e problemas diversos, conseguiu, com a ajuda do céu e das pessoas, erigir um Templo digno da glória de Deus e do seu povo. Ao deixar a tribuna, o benfeitor representante da Igreja, abraçou emocionado Frei Serafim, que, em prantos, agradeceu tão tozinha homenagem em seu nome e ao povo heróico de nossa terra.

Mas o destino, quem pode prevê-lo? E no mesmo ano, já doente e velhinho, Frei Serafim foi chamado a voltar para a Itália. Sua terra barro, como que pressentindo que o filho adorado estava prestes a alçar voo para a morada eterna, não quis deixar que seu corpo repousasse em país estranho. Numa farde sombria de júnhio, entre choro e samboma abraços, Frei Serafim de Catânia despendeu-se do Piauí e de sua querida Igreja de São Benedito.

Observação: Notando que pouco se conhece e fala sobre a vida e obra do Frei Serafim de Catânia, resolvi escrever este trabalho, para relembrar a memória de tão insigne personagem.

E agora indago: Que é feito da sua estátua colocada junto à Igreja, na Av. Frei Serafim, homenagem de gratidão de nossa gente a tão fiel soldado da Igreja? Não seria justo que a sua memória a ressecasse no patamar da sua tão querida e extraordinária obra?

Fica a lembrança às autoridades competentes.

Barba - Ruiva

(A denominação relaciona-se com a cor das barbas do tal fantasma).

Fontes Ibiapina

O Barba-ruiva é um homem encantado que vive nas águas da lagoa do Paraguá, situada ao sul do Estado do Piauí. Em outros tempos, frequentemente era visto por pessoas que por ali passavam. Hoje, porém, suas aparições vão se tornando bastante raras, pois dificilmente uma pessoa se encontra com ele. Vive imerso nas águas da lagoa. Todavia, vez por outra, sai às margens para tomar banho-de-sol.

Sobre sua origem, contam os mais velhos que tudo veio de uma mãe desnudada. Era uma moça de família abastada e honrada que namorava e amava loucamente um rapaz de família pobre e humilde. Ela, filha de fazendeiro rico e opulento; ele, filho de um pobre vaqueiro que de seu nada possuía além da mulher e os filhos. Sabia bem ela que seus pais nem alguém de sua família concordaria com o tal casamento. Mas o amor foi aumentando, até que os dois consumaram repetidos atos de conjunções carnais. Não se fez tardar ela sentir-se grávida. E lá se veio aquele problema constrangedor tão discutido entre os dois que continuavam naqueles encontros idílicos na mata. De uma coisa triste ela tinha absoluta certeza: caso fosse descoberta aquela gravidez, seria morta pelo próprio pai. Ninguém, entretanto, de nada sabia ao certo a respeito de tão grave ocorrência.

Naqueles tempos, não existia aquela lagoa que, de tão grande, mal parece um mar. Toda a população daquela região, no período do estio, lutava com bastante dificuldade no que diz respeito à água. Existia apenas um pequeno riacho em cujo leito, quase seco, cavavam cacimbas, por vezes profundas.

Quando certo dia, a caminho da fonte, a dita moça sentiu as dores dos sintomas do parto. Era chegada a hora-triste e, ali mesmo, dera à luz uma criança do sexo masculino.

Para não ser descoberta (pois tinha certeza que seria morta pelo próprio pai) jogara a pobre e coitada criancinha na cacimba mais profunda.

A partir do dia seguinte, a água da dita cacimba passou a aumentar assustadora e caudalosamente. Aumentou tanto, que saíram para o riacho. Este, por sua vez, foi se aprofundando, tornando terreno e formou aquela lagoa com léguas de extensão.

Pronto. Assim formou-se a velha lagoa do Parnaguá, que é uma das maiores de nossas redondezas.

Muitos anos depois, às margens da lagoa, começou a aparecer aquele homem encantado, branco de barbas ruivas e cabelos vermelhos. Por seus traços fisionómicos, viram logo que se tratava do filho da tal moça. E que ela e seu amante guardavam segredo trancado de tudo que se passava entre eles. Mas o povo desconfiava de tudo e comentava à boca-pequena pois, como sabemos: maus olhos e paredes têm ouvidos.

Mas, apesar de tudo, o Barba-Ruiva é um ente inofensivo. Nem sequer fala com quem com ele se encontra e provoca palestra. Muitas qui se encontraram com ele, não atinando de que num de quem se tratava, procuraram conversa perguntando-lhe algo. Ai ele sai calado, em passos lentos e longos, mergulha na lagoa e desaparece. A única provocação de comunicação, partida dele, é em se tratando de mulher. Mesmo assim, sem algo dizer, sem falar de maneira alguma. Aproxima-se da mulher, abraça-a e beija-a. Mas, sem o menor objetivo de ofendê-la. Acham mesmo que aquele seu gesto afetivo de carinhos sensatos, puro e discreto para com as mulheres, seja uma busca ao amor materno que não teve a felicidade de conhecer no mundo.

O Estilo de Da Costa e Silva

J. MIGUEL DE MATOS

(da Academia Piauiense de Letras)

DISSE Paul Verlaine (Metz, 1844 — Paris, 1896) que o nome SIMBOLISMO, escola poética lançada por Jean Moreas (Jeanne Faustimantopoulis, dito Jean), "poeta francês de origem grega" (Atenas, 1858 — Paris, 1910), constitua uma *reazendência*, pois na poesia há simbólos, que são a essência do verso, embora turbantes de reconhecer, pur certeza, que a poesia descriptiva fija, em parte, desse conceito, como por exemplo neste quadro imortal de Juvenal Galeno, que tem como mural o mar e continha tanto simbolismo:

"O mar tem fundos arcânicos,
abismos desconhecidos,
profundos como os gemidos
dos desesperos humanos".

DEFINIR o *estilo* do poeta Antônio Francisco da Costa e Silva (Amarante, 1885 — Rio de Janeiro, 1950), representa sem dúvida um fato incógnito, pois temos de sair da lógica para o mítico, por se tratar de um fato literário decisivo, sem chegar à um completo juizo, absurdo e inacessível, na busca de uma definição que corresponda o reclamo da crítica, por mais generosa e tolerante.

DIZ Buffon que "O estilo é o homem", "devendo o escritor empregar a figura na espontaneidade de seu caráter literário, não fugindo ao assunto do trabalho, e sintetizando o pensamento pascal de quem escreve". Qual seria, então, o *estilo* de DA COSTA E SILVA, ele que não abusou da fantasia nem da criatividade? Para ser franco, DA COSTA E SILVA não foi, genuinamente, um estilista, podendo a sua poesia, totalmente influenciada por Vernhaerón, ser confundida, como a de tantos poetas geniais como ele, com outras formações poéticas. Vante *personalíssimo*, não podemos dizer, mesmo assim, que o autor de "Zodíaco" (1917 — Rio) tinha o seu próprio estilo, pois o seu "temperamento singular, característico, de grande ilírismo", é facilmente achado em uma caravana de obreiros do verso. Poderemos chamá-lo de *cíclico*, por ter escrito, "à maneira clássica, vilancetes, sonetos camoneanos", ou de *helénico*, por escrito "Pandora" (1919 — Rio)?

PAISAGISTA do verso descritivo ("Saudade! Olhar do minha mãe rezando, / E pranto lento deslizando em fio... / Saudade! Amor de minha terra... O rio... / Cantigas de águas claras soñçando"); mestor do verso lírico ("Na romanesca paz da rústica fazenda,/A luz quente do sol e à fría
luz do luar,/ Vive, como a expiar uma culpa tremenda, / O engenho de madeira a gemer e a chorar"); cultor do verso onomatopeico ("Ring'e rang'e, rouquinho, a rígida incenda; / E, ringindo e rangendo, a cana a triturar, / Parece que tem alma, zelivinha e desvenda, / A ruína, a dor, o mal que val, talvez, causar..."), Antônio Francisco da Costa e Silva, como um homem, que não tivesse religião, foi um poeta sem estilo pessoal, molhando o seu pinheirolado pela mão trémula em todas as Unhas da poesia que teve no seu alcance, fato que, pelo menos para mim, que respeito contritamente no *adoremus* de seus versos, mais o engrandece, pelo calefismo do seu talento, perante o altar da Deusa Musa.

Fundação Cultural do Piauí

A Fundação Cultural do Piauí, criada pela Lei nº 3.327, de 04-04-75, com o objetivo de executar a política cultural do governo, e preservar o patrimônio Natural, Histórico e Cultural do Piauí, tem como presidente o Secretário de Cultura.

Através do Decreto nº 2.029, de 07 de maio de 1.975, do Exmo. Sr. Governador do Estado, publicado no Diário Oficial de 13 de maio de 1.975, teve seu Estatuto aprovado com a seguinte estrutura:

I — Conselho Administrativo composto dos seguintes membros: Presidente, Secretário de Cultura, dr. Luis Gonçaga Fries; Representantes: da Secretaria de Planejamento: Roberto Alves de Araújo; Secretaria da Educação: José Ribeiro e Silva; Secretaria da Administração: Maria Aparecida Viana; Secretaria da Fazenda: Miriam da Conceição de Carvalho Pinheiro; Secretaria de Cultura: Aldenora Maria Vasconcelos Mesquita; Procuradora do Estado junto a Secretaria da Cultura, Yeda Pereira Bahim Silva; Suplentes: Francisco de Carvalho e Afonso Rodrigues de Carvalho; a que compete: aprovar os planos de trabalhos e as propostas organizacionais, a programação das atividades da Fundação; deliberar sobre a接受ação de doações e cessões de imóveis ou rendas, etc.

II — A Presidência que é ocupada pelo Secretário de Cultura com atribuição de representar a Fundação; convocar o Conselho Administrativo; supervisionar os trabalhos da Fundação, etc.

III — Diretoria Executiva que é a responsável pela direção geral dos empregados e das atividades da Fundação, através dos Departamentos de Administração e Finanças, Assuntos Culturais, e Departamento de Defesa do Patrimônio Artístico, Histórico e Natural.

a) — Departamento de Administração e Finanças, que tem por finalidade providenciar meios para a realização dos objetivos da entidade, no que se refere a pessoal, material, serviços gerais e finanças.

b) — Departamento de Assuntos Culturais, cabendo a elaboração e execução da programação anual das atividades artísticas e culturais da Fundação.

c) — Departamento de Defesa do Patrimônio Histórico, Cultural e Natural, que tem por finalidade defender o patrimônio histórico, cultural e natural do Estado.

Há também na Fundação, um quadro de Honorários e Beneméritos para se distinguir com títulos honoríficos às pessoas que se distinguiam por saber matérias ou haja contribuído de maneira relevante para o desenvolvimento artístico e cultural.

Serão considerados beneméritos os que doarem à Fundação bens de alto valor ou quantias vultosas.

Poderá constituir patrimônio desta entidade, os bens e direitos que a ela venham ser incorporados pelos poderes públicos, os legados, doações, heranças que lhe forem destinados usufrutos a ela conferidos, rendas em seu favor instituída por terceiros, etc.

A Fundação Cultural do Piauí instalada em 15 de maio próximo passado é uma entidade com personalidade jurídica de direito privado, hoje em funcionamento, situada na Avenida Miguel Rosa, nº 3.286, contendo, por unanimidade, na sessão do Legislativo Municipal, votos de congratulação, como também reconhecida de utilidade pública, através da Lei nº 3.335, do 02 de julho do corrente.

O Poeta Oliveira Neto Escreveu

Ao escolher o tema para a palestra a que me propus, vi-me preso entre duas correntes: — a do materialismo aseverante que se estende por todos os caminhos da vida humana, nesta hora aborrida, em que predominante a liragem inconsequente e debocada, a ambigüidade, o ódio, a guerra e a fome, e a outra — a do espiritualismo divino, do respeito e da verdade, do santo e da beleza, que sua concede um halo de alegria e de esperança num futuro de tumultos menores. A que, entretanto, o "amai-vos uns aos outros", pregado do céu por Cristo, está substituído, há muito, pelo objeto "salve-se quem puder".

N foi dentro deste quadro, embargado por esta dualidade de idéias, em que a primeira quase neutraliza a segunda, que eu, que vivo de espírito e para o espírito, pretendi falar-vos sobre um tema de pura espiritualidade —

A BELEZA

Um raio cristalino de sol rompendo a aurora, ou o brilho de uma estrela iluminando a treva, são um atestado eloquente da beleza suprema do Poder Divino. Nada mais belo, nada mais sublime, nada mais extasiante, que as maravilhas variiegatas da Natureza. Observemos os arranhaçados soberbos do mar, a floração pomposa das campinas; ouçamos a música inimitável dos pássaros, observemos o movimento noturno dos astros, o desabrochar enigmáticos de uma flor, aspiremos o perfume adorável de uma rosa, verifiquemos o encontro que existe no sorriso de uma criança, na ilharga sonhadora da mãe desventurada, paremos, contrito ante ao altar da Fé, não nos espantemos ao fulgirão com relâmpagos, tenhamos na Natureza o nosso grande livro, e veremos, em todas as suas mudanças, a fascinação da Beleza. E tenhamos a certeza do que, vivendo assim, em compreensão com a Natureza e colocando o espírito acima

da matéria — se hilo nisso fosse dado conseguir — a paz, a bondade, a razão, a honestidade e a justiça, ocupariam os primeiros lugares no banquete da vida.

Não penso com Omar Khayyám que "a vida não é mais do que um longo momento, vale apenas se tem a certeza de obter duas coisas: — a dor e a morte".

Não, Eduardo Guimaraes afirma que "a vida é breve e bela". E eu acrescento: — A vida é alegria, é satisfação, é beatidade, é eterno do prazer, é a chama cintilante do espírito a servir do bem, do amor, da verdade, de tudo o que é belo. Assim devia ser, porque assim nos ensinou Jesus.

E fui pensando assim, e foi seguindo a trilha do Mestre, que o espírito amplexo, modesto e brillante do saudoso Poeta Antônio Chaves, produziu no sonho da perfeição, este magnífico almanarim:

"Se existe a Perfeição? Eu creio que ela
[existe...]
Vive no céu, na terra, em toda a
[Natureza...]
E onde houver um sorriso, uma lágrima
[ma triste...]
Procura-a, que há de vê-la em alegria
[ou triste...]
Existe a Perfeição. Tu nunca a
[descubriste]
No prazer de pensar, num gesto de
[sobriedade]
Se não a tens tu, se jamais a sentiste
E que seu coração desconhece a beleza.
E que tu, sem ideais, sem sonhos e sem
[craques...]
Peregrino fugaz das planuras imensas
Da vida, sem as fixar com carinho e
[desvelo...]
É um grande imperfeito a vagar pelo
[mundo...]
Sem ver que a Perfeição é o próprio
[amor fecundo...]
Dá-lhe à vida o fulgor de tudo quanto
[é belo.]"

Martins Napoleão, que é, sem favor uma das maiores cabeças vivas do Brasil, numas das suas horas iluminadas, escreveu:

"Pela primeira vez respiro a beleza da [vida:]
e inclinação da água e a pureza do pão,
a bondade da luz tão amiga de todos,
e os pássaros que cantam, mesmo sem [saber]
se não de ter alimento para os filhos
[amanhã.]"

Senhores, a felicidade confundida na beleza Divina, é que nos tem a tranquilidade do espírito, é que nos tem a alegria de viver, é que nos cria a ambição, a inveja, o desespero. Confidemos na bondade e na beleza de Cristo, e nada nos faltará. Nunca tive preocupações na vida, nunca pensei no dia de amanhã, e, embora seja tido com louva, por esta minha maneira de pensar e de agir, posso afirmar que sou feliz, porque faço da Beleza, em todos os sentidos, a trilha iluminada do meu viver.

Mas não sou eu só, Senhores, que tive fé na Beleza. Aqui e ali, ontem e hoje, voi encontrando compatriotas, Baudelaire, lá na volta France, esboçou a Beleza, neste soneto:

"Deu mais beleza, ó mortais! que um se-
[fio] de granito!
E meu seno, onde vem cada um gerar,
[de dor,]
Foi feito para zo poeta inspirar um
[faro!] Sombrio à matéria, isto é, mudo e
[infinito.]

Reino no azul como uma esfinge sin-
[guer.]
Meu coração é novo e ao mesmo tem-
[po arruinado]
Odião o que se move e faz o desalinho,
E não sei o que é rir, nem sei o que
[é chorar.]

On portas, ante as minhas grande ati-
[tudes.]
Que aos monumentos mais altivos em-
[prestel.]
Consumir e ser nos estudos mais
[rudes;]

Pois para esses servis amantes reservel
Um puro espelho em que é mais bela
[a realidade;]
Meu olhar, largo olhar de eterna cla-
[ridade!]

A História Sagrada nos conta, no LIVRO DOS MILÉNIOS, que Saul se achava enfermo e o povo dizia que um espírito mau havia apoderado dele, tornando-o cheio de melancolia e de sonhos tembrosos. Vinham-lhe, diz a História, accessos de furor e sua maca se enchia de suspeitas e de trações de inimigos imaginários. Então, os Áulicos do Rei, empinhados em melhorar os seus sofrimentos e informados de que a música acalmava a fibra do enfermo, procuraram um tocador de harpa, para administrar-lhe o remédio original. E não erraram. Logo aos primeiros sons da inúbia prodigiosa, sua majestade foi melhorando, e toda vez que se aplava, o harpista estava ao seu lado, imporando-lhe a paz espiritual. O mal estranho em tudo, porém, é que já naquele tempo existia a ingratidão. O Rei Saul se via livre dos seus padecimentos, graças aos sons enternecedores da música e, como prémio, o pobre camponês tocador de harpa, foi despedido e esquecido pelo monarca!

Diz-nos, também, a História Sagrada que um faraó Egípcio baixou o seguinte decreto:— "Todo varão filho de hebreu que nascer de hoje em diante será lançado no Rio". E, justamente nesse tempo, se deu o nascimento de Moisés, que veio a ser o maior vulto do Antigo Testamento. Sua mãe, ao amparar a criança, obrigada que estava a cumprir a determinação do Faraó, engaijou uma cesta pequenina, calafeteou-a como pôde, colocou nela a alma da sua alma, a fibra do seu coração, o sangue do seu sangue, e entregou-a à

vornagem das águas do Nilo. Num momento, porém, em que os raios dourados do sol iluminavam as orlas do formidável rio, por entre o farfalhar das folhas de palmeiras emebentes, alguém, lenta e majestosamente, dirigiu-se ao banho ritual. Era Ternutis, a linda filha do Faraó. E ali, quando a suntuosa princesa deixava confundir-se com a magnitude do Nilo, a sublimidade das suas formas virginais, encontrou, cheia de espinho e de curiosidade, a barquinha de Moisés a deslizar, docemente, sobre as águas. Alvinha, e maravilhada com a beleza da criança, que lhe estendia, chorando, os braços frágil e mimosa. Ternutis, infringindo a lei despotica do seu pai, enfrentou todo o mal que lhe podesse advir diante do humano, e salvou a criança a quem deu clá mesma o nome de Moisés — guerreiro, o estadista, o historiador, o poeta, o grande moralista e legislador dos hebreus.

Lá-ec, ainda, na Bíblia, que o Rei David adoeceu gravemente. Um frio glacial o amortalhava dos pés à cabeca. Era uma geléia completa. Não dormia, não se segava. Reunidos os sábios da época, foram de opinião, depois de esgotados todos os recursos, que o valor de uma jovem e bela mulher, faria bem ao estado deprirível de sua majestade. Procuraram, então, a mais formosa de todas as mulheres da região, que, sem manchar o liso real e sem ofuscar a sua castidade, curou a mactanha de gelo em que estava transformado o Rei David. Milagres da Beleza!

Entre nós, temos vários exemplos da Beleza remediano o sofrimento. Celso Fideli, o poeta mortal da dor e da saudade, em cujo espírito brilhante o sofrimento e a tristeza fizeram morada, supunha-se estafeta da Beleza, quando cantava:

"O meu destino é misterioso e estranho...
Estafeta do sonho e da Beleza,
Eu conduzo no saco da Tristeza,
Correspondências líricas de anel...
[nho!...]"

Clodoaldo Freitas, insigne vulto das

fetras plauenses, ateu por convicção, curvou-se à dor diante da beleza de Luricá, o filho genial, o poeta delicado, que a morte consumiu. Com o coração dilacerado e a alma em pedaços, Clodoaldo, junto ao leito do filho mormido, escreveu "Dor de Pai", que transcrevo aqui:

"Dor de esperança que não tenho, e
[pordus]
Nossa doce Ilusão minha ventura...
Mártir de amor de pai, quanta amargura
Me pungo ao despertar de cada sono!

En tristes me mostrai ante os olhos
Nem jamais invoquei da Deus o nome;
Vendo, entristeço, o mal que te consome
[aze.]
Ergo, contrito, nos céus tristes olhares!

Bom sei que as leis fatais da Natureza
Não se anulgam jamais ao nosso pranto,
Nem têm jamais de nossa dor piedade!

Ns agonia mortal desta certeza,
Com exemplo, a delinhar chão de esparto,
Ódio, glória, beleza e morte!

A beleza feminina principalmente, tem sido motivo de encantamento, não só dos poetas, mas do mundo. Adão perdeu o Paraíso, quando lhe foi dado descobrir a beleza de Eva.

Honório Ballista, poeta gaúcho, sentiu o coração sangrado diante da mulher amada, e deu expressão à lira, neste soneto:

"Sonho... Tenho gravada na retina
Sua esbelta figura sedutora.
Dúvido. Entreabro os olhos... tenta-
[dora.]
É ela mesma, sim, meiga e divina.

Cerro os olhos, em ânsia que amofina
Fugindo à aparição dominadora:
Mas ei-la sempre ali, como se fora
Fixa. Bela visão que me fascina!

Fico na terra — a flor, no céu — a es-
[trela.]
E na flor e na estrela, destumbrado,
Vejo sempre a formosa imagem dela!

Talho, por fim, meu peito angustiado
Em desespero; e vendo-a, ai, mais bela,
Sinto também o coração sangrado!"

Moura Rego, poeta, músico e pintor, enriqueceu a tristeza, nesta inimiga quadrinha:

"Olhando a tua beleza
De meiga flor em botão,
Esqueço até a tristeza
Que trouxe no coração."

Aprendendo o encantamento de um casal de namorados, é Maria Antônio Chaves quem nos deixa este belíssimo soneto:

"Nuvos, naquela idade em que a vida
[é tão bela,]
E ter dentro do peito um mundo de
[esplendores...]
Vede-as! Que linda par! Vão falando
[de amores,]
Ela tão cheia deles! Ele tão cheio delas.

A conversar baixinho entraram no Ca-
[pela;]
E lá dentro, no altar da Senhora das
[Dores,]
Ela, de joelhos, reza uma oração aque-
[ja]
Que pede a Deus alívio aos sofredores.

Vendo-a assim, ele exclama: "Ó alma
[que eu bendigo!"]
E já não mais de pé, mas também ajo-
[lhado:]
— "Masina-me a rezar, quero rezar
[contigo!"]

E ela, num tom de voz rincão e avelutado:
— "Pois vamos, pronuncie as palavras
[comigo;]
Padre nosso... que estás no Céu...
[santificado..."]

Alarico da Cunha, nesse grande e saudoso Poeta, exaltando a beleza da Miss Parnaíba, em 1930, enriqueceu a poesia brasileira com este poema encantador:

"Que é a beleza?

É o pudor, é a candura, é a pureza!
É a simplicidade angélica e calma,
É o espelho limpo da alma!

A beleza,

É o sorriso de Deus dentro da Natureza! [respiro]

E esse eterno Agora, é o momento presente,
Sem passado e futuro, — é o Sempre, o Permanente... [respiro]

A beleza, senhora,
São todos os fulgores
Que, no nosso olhar, reveste
O lindo céu nublado, a cúpula celeste!

A beleza é a arte, a beleza é a vida,
Expressa e traduzida
No "Ego" carregado de mil experiências.

Através do passado e de mil existências.

E na contemplação das almas sonhadoras.

A glória do martírio, o prêmio dos heróis,

O banquete do Astral na criação dos sóis!

E o riso da inocência, é a virtude das donas,

Nas obras, nas palavras e pensamentos dos bons.

A beleza é a aurora, é o alor de arrebatamentos.

Canções de júritis, canários, roubadinhos
é o saber humano na conquista da luz,

Sondando o Infinito e desvendando o astro;

E o apostolado eterno de Jesus,

De Budíhu, de Mihomet, de Krishna
e Zoroastro!

A beleza é o Todo e toda a vida é bela,
Seja o olhar da mulher ou o cintilar

da estrela.

Confundindo e confirmando, em surto frutífero,

Os éxtases, o sonho, o "Inferno de Dantes".

E a inspiração do "Otelo".
Todo o gênio de antanho, todo o saber
[antigo.]
Toda a esmoia que cai sobre a mão do
[meu dígo.]
— Tudo enfim é belo!...

A beleza de hoje e a de Helena coeva
Tem a mesma expressão angelical de
[Eva]
Desta, pudica e nua,
Na pupila de Adão sob o clarão da
[lúa...]

.....
Agora!
Chegou a nossa vez, chegou a nossa
[hora:]
Para que Parnaíba consagrasse uma
[Deusa]
Elegerei-te, Neusa!
Premiaram-te, enfim, por premiar-te
[Deusa.]
Diante da perfeição, que deuses olhos
[teus.]
Meigos, ternos, modestos,
Ichos de mocidade,
Sobrou neste cidade.
E pôde a Parnaíba apresentar
No certamen do belo à luz do teu olhar,
No certamen da arte o teu perfil airoso,
Bellíssimo e formoso!
Tu és a página de ouro, a ilustração da
[História]
Da mais alta e nobre e cívica vitória
Da noiva Parnaíba, a Parnaíba forte,
Em plena florescência,
Que ouviu o grito audaz da INDEPEN-
[DÊNCIA OU MORTE]
Antes de proclamada a nossa indepen-
[dência!]

Io que mais podes ser, se és a beleza
[nossa?]
Io és realmente bela, e lindamente
[moça?]
Joggo anelio é te ver vencedora e triun-
[fante.]
'ois deste da beleza a prova exube-
[franto.]
> Miss Parnaíba!
> festejada Neusa!
> flor do Igarassu!

Porque nesse concurso estético do belo,
Filho do nosso orgulho e plácido des-
[velo.]
Nossa esperança és Tu!"

Bilac, o príncipe da poesia brasileira, julgando-se no momento final da existência, via a beleza da delícia da vida nos olhos da mulher querida, quando escreveu IN EXTREMIS.

— Nunca morrer assim! Nunca morrer
[num dia]
Assim! de um sol assim! Tu desgra-
[nhada e fria.]
Fria! postos nos meus os teus olhos
[olhos molhados.]
E apertando nos teus os meus dedos
[gelados...]

E um dia assim! de um sol assim! E
[assim a esfera]
Toda azul, no esplendor do fim da pri-
[mavera.]
Asas tonhas de luz, coriando o firmam-
[mento.]
Niños cantando! Em fler a terra to-
[du] O vento]
Despencando os raios, sacudindo o ar-
[vorado...]

E, aqui dentro, o silêncio... E este es-
[panto] e este medo!]
Nós dois... e, entre nós dois, implacá-
[vel e forte.]
A arredar-me de ti, cada vez mais, a
[morte...]
Eu, com o frio a crescer no coração —
[tão cheio]
De ti, até no horror do derradeiro an-
[tico!]]
Tu, vendo retocecer-se amarguradamen-
[te,]
A boca que beija a tua boca ardente,
A boca que foi tua! E eu morrendo, e
[eu morrendo]
Vendo-te, e vendo o sol, e vendo o céu,
[e vendo]
Tão bela palpitar nos teus olhos, que
[fria.]
A delicia da vida! a delicia da vida!"

Pascendo, agorn, à história profana da Grécia antiga, rumo á época de depreciação, de orgia e de loucura, vemos Laia, a bela siciliana escrava, escravizando os homens à sua beleza, nos sons das harpas e das flautas, nos estabros dos Aténas Sábios e filósofos abandonaram a sua seriedade, deixaram a mudez dos seus gabinetes de estudos e se aconcretaram no carro de fogo dos prazeres. Até o respeitável Demóstenes, descendo da sua austerdade, assimou-se ao encontro de Laia, e é Julio Funtas quem nos relata a cena neste soneto admirável:

"Em casa de Laia, Demóstenes entrou
Como Ateneus inteira, o supremo ondular
Vinha comprar também, uns minutos:
[de amor.]
O corpo esculpido deu beijos rara.

Quase a possuirá já, de tanto que a su-
[nhara.]
E ao ver gloriosa e nua, com todo o re-
[splendor.]
Cingindo o astrófimo de ouro aos dois
[seios em flor.]
Essa linda mulher que se vendeu tão
[cara.]

Tímida perguntou: — "Um só beijo fu-
[gaz.]
Por quanto o vendes, Orega? E ali
[num gesto lento.]
— "Conta mil drácemas, velho, e tu vai
[possuirás!]"

"Que? Pagar por tanto ouro o beijo de
[um momento?]...
Dar mil drácemas por ti? Não, mulher,
[fica em paz;]
Eu não compro tão caro um arrependi-
[mento.]"

E como é sabido que os arrependidos se salvam, Demóstenes salvou-se da extorsão e do pecado! Mas, no meio de todo aquela perdição moral, um filósofo não se alterou — Xenócrates. A beleza daquela mulher, com todas as suas tentações, não conseguiu mexer com o nervo do sábio. Entretanto, ermo os capítulos desviancos não podem compreender a pureza, nem a retidão das almas

bem formadas, um deles insinuou a cor-
terá. E em Elias que encontramos esta
página magnifica.

"Es bela e poderosa
Laia! mas por que sejas a primeira,
A mais irresistivel das mulheres,
Curiosa domar Xenócrates! Es bela...
Poderás fasciná-lo, se o quiseres!

Dona-a, e sardas rainha!" Ela sorria...
E apontou que, sobressa e vil, maquinal
Mesma noite a scis pés o prostraria.
Apostou e partiu...

Na alorva muda e quieta,
Apenas se escutava
Love, a areia, a cair no vidro da ampu-
[lhetas...]
Xenócrates velava.

Mas que harmonia estranha,
Que susurro lá fora! Agita-se o arvo-
[redo]
Que o brando levar suavemente ba-
[nhar.]
Treme, fala em segredo...

As estrelas, que o céu cobrem de lado a
[lado.]
A água ondeante dos lagos
Flitava, nele espalhando o seu clarão
[dourado.]
Em tímidos afagos.

Soltou um pássaro o canto.
Há um cheiro de carna à beira dos ca-
[minhos]...
E acordou o luar, como que por en-
[canto.]
Estremecendo os ninhos...

Que indistinto rumor! Vibram na voz
[do vento]
Crescas, vivas arpojos.
E vai da terra e vem do curvo firma-
[mento]
Um murmurar de beijos.

Com os olhos de ouro, em toda
Do céu, naquela noite húmida e clara,
[voz]
Alguém que a tudo acorda e a nature-
[za teda]
De desejos povos;

E a volúpia que passa e no ar desliza;
[passa]
E os corações inflama...
Lá vai! E, sobre a terra, o amor, da
[curva taça]
Que traz às mãos, derrama.

E entretanto, deixando
A alva barba espalhar-se em rolo so-
[bre o leito.]
Xenókrates medita, as mãos magras
[cruzando]
Sobre o escarnado peito.

Ciuma. E tão aturada é a ciuma em
[que flutua]
Sua alma, e que as regiões ignotas o
[transporta,]
— Que não sente Laís, que surge semi-
[nua]
Da nuuda alcova à porta.
Em vão Laís o atraçã, e o nascardo
[lázio]

Chegu-lhe no lázio frio. Em vão! Me-
[dita o sábio,]
E nem sente o calor desse corpo que
[fazia,]
Nem o aroma febril que dessa boca sai.

E Ela: "Vivo não é! Jurei dormir um
[homem,]
Mas de beljos não sei que a pedra fría
[domem!"]

Xenókrates, então, do leito levantou
O corpo, e o olhar no olhar da cortezã
[eraveu:]
"Pode rugir a carne... Embora! Dela
[acima]
Paira o espirito ideal que a purifica e
[anima,]
Cobrem núvens o espaço, e, acima do
[outro céu]
Das núvens, brilha a estrela illuminan-
[do o céu!"]

Disse. E outra vez, deixando
A alva barba espalhar-se em rolos so-
[bre o leito.]
Quedou-se a meditar, as magras mãos
cruzando
Sobre o escarnado peito."

Na Inglaterra, o país, cultura, da
democracia e do respeito, numa cidade
governada por um Conde arbitrário,
perverso e desalmado, que largou sobre
o povo um imposto desumano, depois de
pedidos não atendidos, deixou de ro-
gar sem prôposito, de lamentar em vão, a
esposa do Conde, a bela Lady Godiva,
ajoelhada a seus pés, implorou que des-
penassem no povo sofrer aquele imósto
tratamento. E ele, importante e perverso,
prometeu satisfazê-la, se ela se dis-
pusesse a nuscer a cidade, desnuda,
em pleno dia, montada em um cavalo
branco. E ela, deixando transparecer
ainda mais a sua beleza sob a humilha-
ção sofrida, prometeu e saiu.

Vejamos como Julio Dantas nos
descreve o quadro.

Certo Conde normando, assolador e hin-
[auto,]
Senhor tradicional de uma cidade in-
[gleza,]
Querendo um exato de círculo mais na
[uma mesa,]
Lançara sobre o povo um pesado tri-
[buto,]
Não podia pagá-lo o burgo irresoluto.
Era a ruína, era a fome. E desvairada,
[focosa,]
A multidão rugia em frente à fortaleza,
Com os filhos ao colo e coberta de luto.
Mas as portas de ferro imóveis e pesa-
[das,]
Não se abriam. E o novo erguendo as
[milhas criadas,]
Caneava-se a iradar, a uivar, a solu-
[car,]
Caia a tarde. O sol quebrava a neve
[fria,]
Ao sopé da montanha, o burgo adar-
[mecia]
Como um cachorro aos pés dum aro
[tumular.]

II

Dentro da fortaleza, entretanto, rodava
[do]
De dalmáticas de ouro e capelos ver-
[melhos,]
O Conde rejurava à fé dos Evangelhos
Que o burgo pagaria o tributo lançado.

Tudo aplaudia. Sombrio, alva e loira,
[a seu lado]
Se ergue Lady Godiva; e prostrada do
[joelhos.]
Defendendo, encoberta as crianças e os
[velhos]
Gemeu: — "Senhor! O povo é já tão
[desgraçado!]

For que não o liberta desse tremendo
[imposto?]!
Então o Conde abençoou a esposa, rastejou a
[rosto.]
E vende-a cunha, humilde, exclamou co-
mo um rei:
[mo um rei:]

"Liberto-a, se amanhã tu fores, rua em
[rua.]
Sobre um cavalo branco, inteiramente
[nua!]—
E ela baixou o olhar e murmurou:
[“rei.”]

III

Nasceu, por fim o sol. Branca e nua
[— que importa,]
Se é gloriosa a nudez quando se é ensa-
[ia e bela!]
Sobre um cavalo branco, em redor da
[selva,]
Como quem atravessa uma cidade mor-
[ta.]

Godiva, no clarão divino que transpõe
[ta.]
Os braços sobre o seio, o cabelo a en-
[volvê-la,]
Percorre tudo o burgo e foi de vila em
[vila,]
Sem que a visse ninguém, sem se abrir
[uma porta!]

Revoavam-lhe em redor bandos de pom-
[bos brancos;]
E o sol, cobrindo de ouro as suas rosas
[brancas,]
Vestia-lhe a nudez de formas virgi-
[nais...]

Quando enfim regressou, loira, calma,
[modesta,]
O bárbaro senhor beijou-a sobre a testa,
E os tributos de então não se pagaram
[mais.]

X

Não tenho a levianidade de querer
comparar-me aos insignes poetas aqui
citados, mas, como escrevinhador de
versos, rendi também o meu preito de
admiração à Beleza, no soneto de mi-
nha autoria, que passo a declamar.

ENCANTOS

Toda vez que ela cruza o meu caminho,
Cheia de graça e de beleza tanta,
Eu considero com real carinho,
Seu porte ativo que me trai e encanta.

E que essa Ninfá que as demais superanta
Pelo esplendor do seu alvo, de arminho,
Tem a suave bondade de uma santa
E a inocência tirial de um parzinho.
E diferente, assim, de outras mulheres.
E delicada como os malméqueres
E portadora de beleza rara.

Parce deusa de um país de fadas,
Que se esquivou da luz das alvoradas,
Para esculpirse em mármore de
[Carrara!]

X

Como vedes, meus senhores e mi-
nhas senhorias, a Beleza é a rainha po-
derosa de todos os tempos, e a ela, que
tanto reluz neste auditório, eu me curvo
reverenciosamente.

O Patrimônio Pré-Histórico do Piauí Perspectivas de Preservação e Estudos

NOÉ MENDES DE OLIVEIRA

O Piauí possui um imenso patrimônio que precisa ser descoberto e estudado. Pinturas parietais e inscrições rupestres, sítios arqueológicos, terrenos fossilíferos e monumentos geológicos espalhados de Norte a Sul do Estado, estavam a exigir uma tomada de posição de entidades científicas e culturais que possam preservá-los da depreciação e proceder a sua documentação e consequente estudo, profundo e sistematizado. Este patrimônio deveria ser conhecido e recolhido por nós mesmos, piauienses, e não por cientistas de outras regiões e até do Exterior. Felizmente é isto o que vai acontecer. A Secretaria da Cultura e a Universidade Federal do Piauí acabam de firmar convênio com a Universidade de São Paulo, através do Museu Paulista, para se fazer um estudo e pesquisas na região sul do Estado. Ali, mais precisamente na cidade de São Raimundo Nonato, será implantado um Centro de Pesquisas Arqueológicas, mantido por aquelas três entidades e sob o patrocínio da Prefeitura Municipal de São Raimundo Nonato.

COMO COMEÇOU

JÁ se sabia, de há muito, da existência de interessantes e exóticas pinturas nos abrigos naturais da Serra da Capivara. O interesse do Museu Paulista sobre estas pinturas se prende a uma visita, feita no ano de 1963 a este Museu, pelo prefeito de São Raimundo Nonato. Os museólogos de São Paulo se interessaram de imediato por uma série de fotos de pinturas rupestres de alto significado científico. Somente à partir de 1970 foi possível enviar uma missão de especialistas, que procedeu a cobertura fotográfica das principais grutas contendo pinturas. Uma prospecção

feta na região forneceu alguns vestígios de material arqueológico, sobretudo a provável existência de urnas fúnerárias. Conhecido o grande potencial de interesse científico e museológico, tornou-se necessária uma pesquisa mais profunda, somente efetuada a partir do mês de Abril de 1973. No ano seguinte foi organizada outra missão do Museu Paulista. Ficou ainda mais evidenciada a existência de ricos sítios arqueológicos e uma grande quantidade de conjuntos de pinturas de incrível beleza e significado cultural. Além da localização de 115 abrigos contendo pinturas executadas em paredões rochosos de arenito, foram prospectados vários sítios tito-cerâmicos, que se encontram nas Chapadas adjacentes às serras.

A região onde se encontram esses achados abrange parte dos municípios de São Raimundo Nonato, São João do Piauí, Canto do Buriti, e Carnacol. De acordo com declarações dos próprios cientistas paulistas, a região sul do Estado do Piauí foi considerada, hoje, a mais importante zona arqueológica do Brasil, superando mesmo a de Lagoa Santa, em Minas Gerais, sendo a sua importância não só pela profusão de sítios arqueológicos, como também pela enorme extensão da área onde se localizam estes sítios. As pinturas, às vezes de grande beleza e senso artístico, são em ocre vermelho-ferrugíno ou preto. As formas reduzidas são mais comumente as de animais diversos, embora sejam frequentes as formas geométricas ou abstratas e figurativas. As figuras entropomórficas são bastante comuns. Há, ainda, representações de cenas compostas, talvez cenas de cerimônias culturais, táticas e de caça. Várias urnas fúnerárias e esqueletos em redes de fibra foram encontradas, cujos

dados antropológicos já foram publicados pelo Prof. José Carlos Praeger. Algumas amostras desses achados arqueológicos enviadas para a França já foram datadas, alcançando uma idade de até 2.000 anos.

Não é surpreendente na região sul do Estado onde se podem encontrar manifestações de cultura pré-históricas. O Piauí todo é rica em inscrições e pinturas parietais, necrópoles, estruturas monumentais megalíticas, pedras misteriosas envoltas em lendas e superstições. Conhecemos ou temos notícias destas manifestações nos seguintes municípios piauienses: Parnaíba, Buriti das Lopes, Pimenteira, Piripiri, Padre II, Esperantina, Piatã, Cocal do Piauí, São Miguel do Tapuio, Pimenteiras, Valença, Picos, Dom Expedito Lopes, Santa Cruz, Ceilândia, Santo Antônio do Piauí, Simões Filho, São João do Piauí, São Raimundo Nonato, Canto do Buriti, Caravela, Anísio de Almeida, Dom Jesus, Manoel Emílio e Urucuri.

Como ficou evidenciado, o patrimônio pré-histórico do Piauí precisava imensamente se tornar objeto de estudo, de documentação e de interpretação científica.

Esse trabalho inclui, naturalmente, a preocupação de preservar os vestígios e as diversas manifestações de cultura antiga da sistemática devastação do homem que destroem por não conhecendo seu valor científico e cultural. Em alguns casos, há quem munique os painéis pictóricos para levá-los como "souvenirs" ou simples peças de decoração. Em alguns municípios já se verificou a dinamitação de conjuntos inteiros de culturas e inscrições para utilizar as pedras como aterros de estradas. De vez em quando se tem notícias de descobertas fortuitas de depósitos de instrumentos líticos, de urnas funerárias e outras peças pré-históricas. As urnas são quebradas ante o descontento de não conterem tesouros valiosos.

Para reparar tanto desrespeito, para evitar novos casos de destruição, a Secretaria da Cultura, a Universidade e o Museu Paulista, se prontificaram em proceder um plano de trabalho conjunto para documentar, mapear, escavar e recolher o acervo arqueológico piauiense, a fim de que se possa fazer um estudo sistemático de todo esse patrimônio cultural pré-histórico, o mais importante do Piauí.

O FOLCLORE NA ESCOLA

NORBERTO DE OLIVEIRA

Todo o sistema educacional poderá juntar mão do FOLCLORE como fator da mais intensa penetração no campo do ensino. O FOLCLORE traduzindo a alma afetiva e cultural do povo, traz em si larga contribuição quando utilizado como processo didático nos vários setores do currículo escolar. Sua devida aplicação nas atividades de classe aumenta e enriquece a aprendizagem, fazendo com que o educando compreenda o homem e a comunidade a que pertence, proporcionando-lhe maior integração na sua vida espiritual. Cabe ao professor saber selecionar as várias manifestações da cultura popular que possam favorecer e auxiliar seu trabalho. Estas manifestações devem ser adaptadas às diversas disciplinas, tanto como centro de interesse ou como complementação dos trabalhos realizados.

O professor deve estar consciente de que o estudo da cultura popular constitui um instrumento eficaz para a compreensão do homem e da comunidade. Deverá levar o educando a observar diretamente os elementos FOLCLÓRICOS que estão a seu alcance no lar, na escola, no grupo social, procurando descobrir suas peculiaridades e características.

O aproveitamento do FOLCLORE em atividades didáticas, sobretudo na catequese, foi muito bem explorado pelos Jesuítas nos primeiros tempos de colonização portuguesa no Brasil. Nóbrega e Anchieta souberam utilizar com muita sabedoria as danças e cantos indígenas em sua catequese nos campos de Piratininga. A escola moderna poderá aplicar largamente a sabedoria popular como excelente meio de transmissão de conhecimentos. A sua maior aplicação será na área de Comunicação e Expressão, utilizando o conto, as lendas, etc., com os objetivos estéticos e morais. Os provérbios, que representam uma con-

densação da sabedoria popular, as paradas, os jogos e brinquedos são veículos de recreação, ao mesmo tempo que estimulam a criatividade, a participação e a unidade do grupo. No estudo da literatura brasileira não se pode prescindir da influência da poesia popular, da literatura de cordel (que significa aquele tipo de literatura popular vendida nas feiras do Nordeste, cujos livrinhos mal impressos e com capas em xilogravura são expostos, geralmente, dependurados em cordões—cordel) e da romanço popular sobre os romancetes, dramaturgos e poetas nordestinos ou de outras regiões brasileiras, mas que estão ligados espacialmente ao Nordeste. Entre estes, podemos citar o grande Guimarães Rosa. Entre os nordestinos que souberam utilizar a poesia dos violeiros e valorizar a cultura popular como inspiração, podemos citar desde Franklin Távora e José de Alencar nos chamados "Ermânicos do Nordeste": José Lins do Rêgo, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, etc. Entre os escritores mais recentes destacamos José Condé, Hermílio Borba Filho, João Cabral do Melo Neto, Dias Gomes, Ariano Suassuna... Ariano é um caso à parte. Não podemos entender a obra deste grande pernambucano sem procurar ver as influências que recebeu do FOLCLORE. Ariano foi influenciado não só na inspiração, mas na utilização da poesia e do FOLCLORE nordestinos em sua obra. Ele utilizou de maneira sistemática a figura do poeta popular e trechos de sua poesia, como também soube adaptar a estrutura e a ideologia da literatura de cordel, recorrendo-a e enriquecendo-a. O seu imortal Auto da Compadecida foi baseado no folclore popular de nome "O Castigo da Soberba". As demais obras de Ariano são uma tentativa de tecer o nosso cancionero popular. Jorge Amado é outro exemplo típico da adaptação da cultura popular nordestina a seus romances admiráveis. O conteúdo social

da obra de Jorge Amado tem muito inspiração na literatura oral e de cordel. Só conhecendo esta influência é que podemos dar toda a dimensão de sua obra. (A literatura de cordel do Nordeste está, infelizmente, em franca decadência. Hoje, ela constitui uma fonte de interesse e de pesquisa por parte de estudiosos, sobretudo americanos e europeus. Várias teses de doutoramento da Sorbona versaram sobre esta literatura tão rica de conteúdo social, de originalidade e de arcaísmos).

Na área de Estudos Sociais, as tensões relativas à escravidão, ao povoamento e ocupação da terra, às histórias das herdes populares, os tipos característicos de cada região, seus traços culturais, seus costumes, os acidentes geográficos e seus mitos, etc. constituem preciosos subsídios para a aprendizagem, bem como realce das deficiências e virtudes de nossos antepassados. Como disciplina hu-

manística que é, o FOLCLORE poderá se tornar nas escolas de qualquer nível um instrumento de pesquisa e de interpretação da alma popular. Torna-se importante desvendar a mentalidade primitiva e popular para quem trabalha em contato direto com o povo simples. O conhecimento dos hábitos, das superstícias, da mentalidade, das práticas e reações deste mesmo povo poderá trazer uma contribuição incalculável para se alcançar objetivos educacionais, a mudança de estruturas, etc. Enfim, em qualquer área do conhecimento, a utilização do FOLCLORE será sempre positiva: reforça os laços grupais, contribui para a formação de hábitos sociais, suscita amor e respeito pelo que é russo, contribui para uma maior compreensão de nossas peculiaridades nacionais, conscientiza para uma atitude de respeito à cultura do povo, dignificando-a, e protegendo-a como patrimônio da comunidade nacional que pertencemos.

SUGESTÕES PRÁTICAS

- 1) Promover palestras e conferências feitas por pessoas mais ligadas ao assunto, ocasião em que será oferecido todo o esclarecimento necessário de acordo com o nível da classe.
- 2) Organizar equipes encarregadas de entrevistar pessoas espalhadas de fornecer informações sobre temas de nosso FOLCLORÉ. O professor, naturalmente, deverá dar o mínimo de técnica de entrevista, ajudar na confecção, das perguntas e, sobretudo, orientar a apresentação dos resultados da entrevista, através de relatórios orais ou escritos.
- 3) Fazer excursões de caráter informativo, visitas a museus, exposições, etc., que deverão ser sempre planejadas em utilia.
- 4) Motivar os alunos para colecionar e confeccionar objetos FOLCLÓRICOS: cca, rede, tanga, colares, arco, flexa, tacape, cerâmica decorada, esteiras, cestos, culturas em madeira, gamelas, utensílios caseiros, lamparinas, flores de papel, de pena, tapeçaria, tricô, rendas, objetos de couro, etc.
- 5) Confeccionar cartazes com motivos FOLCLÓRICOS do Brasil e especialmente do Piauí.
- 6) Organizar coleções de gírias, provérbios e adivinhanças.
- 7) Promover representações do nosso FOLCLORÉ: danças, apresentações teatrais, sobre lendas e estórias populares, canto coral, etc.
- 8) Montar exposições de objetos FOLCLÓRICOS. Torna-se importante que a escola ou colégio tenha o seu pequeno museu de Artes e Técnicas Populares ou simplesmente seu "Museu do FOLCLORÉ", cujo acervo será enriquecido pelos próprios alunos e professores e enriquecido com doações da própria comunidade. Alguns colégios fizeram de seu Museu do FOLCLORÉ uma atração turística para a cidade, além de sua função didática e cultural para o próprio colégio. O Museu não deverá ser jamais uma coleção sem vida, mas um órgão dinâmico, que espalhe cultura e

que se transforma num continuo estímulo e fonte de motivação psicológica e estética.

OBJETOS QUE PODEM FORMAR O ACERVO DE UM "MUSEU DO FOLCLORÉ"

- Ex-Votos ou promessas: esculturas em madeira ou barro, de cabeças, membros do corpo, etc., que significam o agradoamento por algum milagre alcançado. O Ex-voto, (de um voto-pedido feito a um santo), às vezes pode representar um chamariz para diversos males e doenças.
- Aparelhos e utensílios de farinha, moagem, etc.
- Utensílios caseiros: estières de pau, pilões, gamelas, etc.
- Artefatos de couro: laços, cabrestos, chicotes, rádias, etc.
- Cerâmicas utilitária: potes, quartinhos, cuscuzeiros, jarros, etc.
- Cerâmica figurativa: bonecos, miniaturas, etc.
- Almoçada, rendas, labirintos, redes de fibras e de linhas, esteiras, tapeçarias populares, paneiros, cestos, jacás, cestos, etc.
- Lamparinas, chaleiras, facas, etc.
- Veste de vaqueiro: chapéu, zela, guarda-peito, gibão, perneiras, caporais, chocinhos, estribos, etc.
- Enfeites e indumentárias do Bumba-Meu-Sol, reisado, pagode, etc.
- Instrumentos indígenas e africanos.
- Santos de madeira e de barro, quadros de santos populares.
- Esculturas em madeira e barro, quadros pintados por artistas anônimos e primitivos, talhas em madeira, folhetos (rumances) da feira, brinquedos de crianças, (baladeiros, arapucas, etc.), bonecas ou bruxas de pano.
- Enfim, todas as peças usadas ainda pelo nosso povo, que possam constituir um documento autêntico da maneira de sentir, pensar e agir espontâneos da população piauiense ou das diversas regiões do Brasil.

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS — DAC

RELATÓRIO

15 — 03 — 75 à 30 — 09 — 75

RELATÓRIO DE ATIVIDADES
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS — DAC

1. PRELIMINARES

1.1 PERÍODO

1.2 ATIVIDADES

1.3 CONCLUSÃO

ADMINISTRAÇÃO:

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ: Dr.
LUIZ GONZAGA PIRES

DIRETOR EXECUTIVO: Dra. YEDA PEREIRA RUBIM SILVA

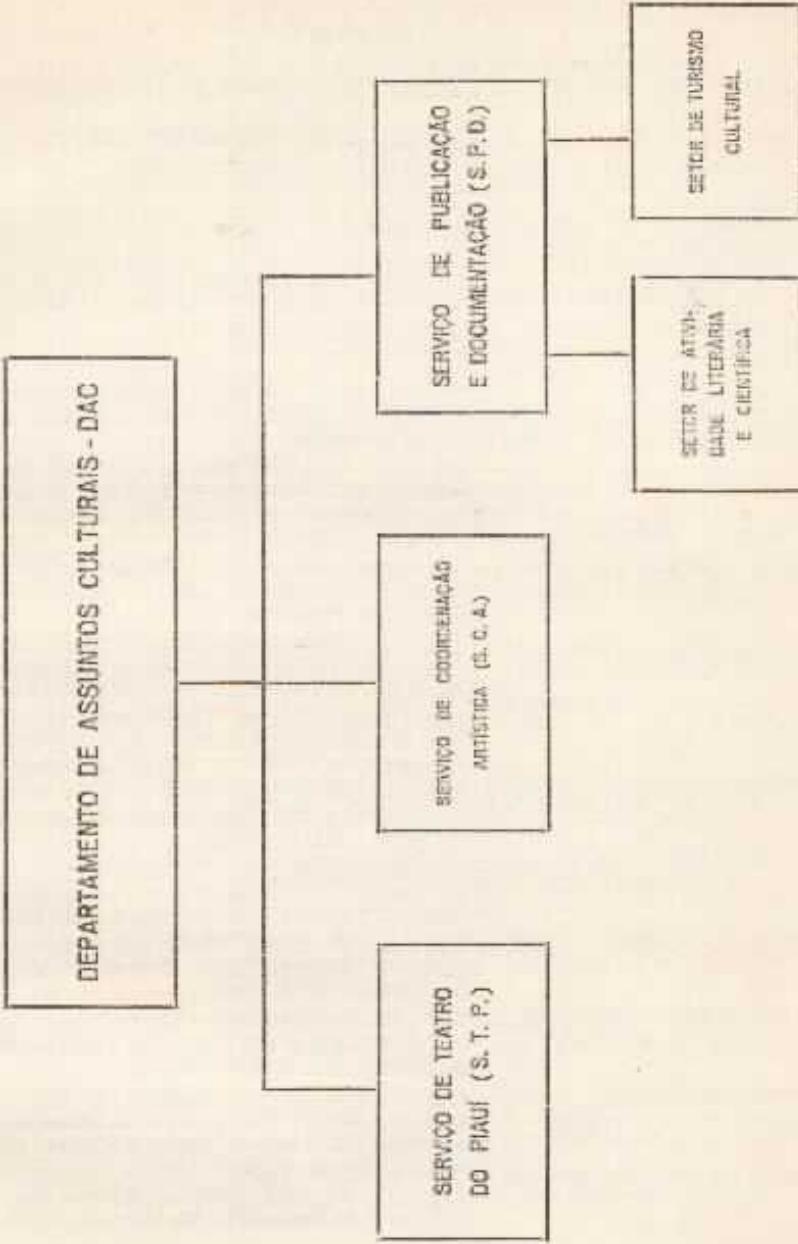
DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
DAC: Dra. ALDENORA MARIA VASCONCELOS MESQUITA.

1. PRELIMINARES:

O Departamento de Assuntos Culturais—DAC, da Fundação Cultural do Piauí, tem como incumbências básicas elaborar os planos culturais da Fundação, cumprir a programação artística e cultural, promovendo os meios de popularização da cultura e o intercâmbio entre o Piauí e os outros Estados.

- 1 — Departamento de Assuntos Culturais
Diretora — Aldenora Maria Vasconcelos Mesquita
- 2 — Serviço de Publicação e Documentação
Chefe — Lenz Almendra Freitas Mendes de Carvalho
 - a) Setor de Atividades Literárias e Científica
 - b) Setor de Turismo Cultural.
- 3 — Serviço do Teatro
Chefe — Turciso Prado
- 4 — Serviço de Coordenação Artística
Chefe — Lenz Monteiro de Carvalho.

ORGANOGRAMA



DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
REALIZAÇÕES CULTURAIS

1.1 PERÍODO

O período das realizações constantes no presente relatório foi de 15 de março a 30 de setembro de 1975.

1.2 ATIVIDADES

Transcrevemos abaixo as atividades planejadas e executadas por este Departamento, bem como as de apoio, prestadas à outras entidades.

- 01 — Exposição do artista plástico Raimundo Nonato de Oliveira. Local — Galeria Permanente de Arte da Biblioteca "Des. Cromwell Carvalho" período: 20/03/75 à 19/04/75;
- 02 — Lançamento do Livro "A Educação e o Milagre Brasileiro" de João Guinen. Local — Salão Nobre do Luxor Hotel. Dia 21/03/75;
- 03 — Três (3) apresentações da peça "Auto do Lampião no Além" do professor José Gómez Campos. Local — Theatro 4 de Setembro. Dias: 21, 22 e 23/03/75;
- 04 — Apresentação da peça "Cora Gramas de Homem" do artista Roberto Duval e Célia San Martin. Local — Theatro 4 de Setembro. Dia 30 de março/75;
- 05 — Apresentação da peça "Uma Senhora Honestidade" de Roberto Duval e Célia San Martin. Local — Theatro 4 de Setembro. Dia 31/03/75;
- 06 — Apresentação da peça "Minha Cama é Estreita Mas Dá Pra Dois" de Roberto Duval e Célia San Martin. Local — Theatro 4 de Setembro. Dia 02/04/75;
- 07 — Exposição do artista Ferdinand Cavalcante Pereira. Local — Biblioteca "Des. Cromwell Carvalho". Período: 03/04/75 à 03/05/75;
- 08 — Três (3) Apresentações do "Show Manga Verde" — cantora Leda Idos e seu conjunto. Local — Theatro 4 de Setembro. Dias 4, 5 e 6/04/75;
- 09 — Comemoração ao "Dia Nacional do Livro" — palestra do Professor A. Tito Filho, e distribuição de livro aos participantes. Local — Biblioteca "Des. Cromwell Carvalho". Dia 18/04/75;
- 10 — Exposição do artista plástico Marcos Vila. Local — Theatro 4 de Setembro. Período: 18/04/75 à 23/04/75;

- 11 — Exposição da artista Simono Reis. Local — Galeria Permanente de Arte da Biblioteca "Des. Cromwell Carvalho". Período: 16 à 31/5/75;
- 12 — Inscrição para a XIII Bienal de São Paulo. Local — Departamento de Assuntos Culturais. Dia — 10/05/75 à 15/06/75;
- 13 — Duas (2) Apresentações da peça "Vendedora de Cargilhadas" de Procópio Ferreira. Local — Theatro 4 de Setembro. Dias 20 e 21/05/75;
- 14 — Duas (2) Apresentações da peça "Tudo na Cama" — com Darcy Gonçalves. Local — Theatro 4 de Setembro. Dias — 27 e 28/05/75; apoio: MEC/DAC/PAC;
- 15 — Publicação do Boletim Informativo Mensal nº 6;
- 16 — Exposição de Fotografias — Hinnom Takebayashi. Local — Theatro 4 de Setembro. Período: 02/06/75 à 04/06/75;
- 17 — Exposição "Arte Gaúcha/74". Local — Clube dos Diários. Período: 04/06/75 à 15/06/75; apoio: MEC/DAC/PAC;
- 18 — Exposição do artista maranhense Bubena Amaral. Local — Galeria Permanente de Arte da Biblioteca "Des. Cromwell Carvalho". Período: 10/06/75 à 14/06/75;
- 19 — Duas (2) Apresentações da peça "Dono Xipá". Local — Theatro 4 de Setembro. Período: 11/06/75 à 12/06/75; apoio: MEC/DAC/PAC/SPT;
- 20 — Três (3) Apresentações do "Quinteto Violado". Local — Theatro 4 de Setembro. Período: 13/06/75 à 15/06/75;
- 21 — Exposição do artista maranhense Rubena Amaral. Local — Theatro 4 de Setembro. Período: 15/06/75 à 20/06/75;
- 22 — Realização do concurso de Bumba-Meu-Boi e Quadrilhas Juninas. Local — Praça Pedro II. Dia 23/06/75; — 12 Grupos
- + 23 — Cinquenta e nove (59) apresentações do Programa "PARADISO ALMA" — Rádio Clube de Teresina, às 3^{as} e 5^{as} feiras. Horário: 21,30 hs;
- 24 — Vinte e nove (29) publicações do "Caderno de Divulgação Cultural" — Jornal "O Estado", aos domingos, de 15/03/75 à 20/06/75;
- 25 — Exposição individual de J.B. Cunha. Local — Galeria Permanente de Arte da Biblioteca "Des. Cromwell Carvalho". Período: 30 a 10/06/75;
- 26 — Divulgação do Coral do E.N.A. Educandário Adventista Nordino de Belém de Maria — Pernambuco. Local — Auditório Herbert Parentes Mentes. Dia 01/07/75;
- 27 — Duas (2) apresentações da peça "Trunfo" de Ronald Radde. Local — Theatro 4 de Setembro. Período: 03 e 04/07/75;

- 28 — Lançamento do Livro "Assim Faleu Nenen Prancha" de Pedro Zamora. Local — Auditório Herbert Parentes Fortes. Dia 04/07/75;
- 29 — Lançamento do Livro "Paul nas Lutas pela Independência" de Mura. Joaquim Chaves. Local — Palácio de Karnak. Dia 07/07/75;
- 30 — Exposição do Artista Jeovah. Local — Galeria Permanente de Arte. Período: 10 a 20/07/75;
- 31 — Abertura — "Audição Musical Comentada", com o prof. e Maestro Reginaldo Carvalho, dia 19/07/75. O primeiro Programa constou de obras de Brahms e de Eterkaufer. Seguiram-se em 10 sábados subsequentes, audições comentadas;
- 32 — Início para a inauguração da Galeria de Arte do Theatro 4 de Setembro. Abertura do I Salão de Artes Plásticas, dia 17/08/75. Local — Departamento de Assuntos Culturais. Período: 02 a 03/07/75;
- 33 — Recital do Pianista Silvio Cruz Robazzi. Local — Theatro 4 de Setembro. Dia 24/07/75;
- 34 — Dous (2) apresentações da peça "Quando as Borboletas Retornam Feridas" dos Universitários Admir e Tinoco. Local — Theatro 4 de Setembro. Período: 26 e 27/07/75;
- 35 — Palestra do Pe. Fernando Bastos D'Avila S. J. "As grandes Alternativas para a Humanidade neste Final do Milénio". Local — Auditório Herbert Parentes Fortes. Dia 28/07/75;
- 36 — Três (3) apresentações da peça "Oratório de Sta. Maria Egipciaca" de autoria de Cecília Meireles e direção de Paulo de Tarso Batista Libório. Período: 01 a 03/08/75;
- 37 — Curso de Teatro, para todos os grupos Teatrais deste Estado, ministrado pelo prof. Carlos Murtinho. Patrocínio do MEC-SNT. Local — Theatro 4 de Setembro. Período: 01 a 15/08/75;
- 38 — Apresentação do Coral do Maranhão, "Concerto do Sol", sob a regência do Maestro Giovanni Picella. Local — Theatro 4 de Setembro. Dia 08/08/75;
- 39 — Recital de Dança Moderna do Maranhão. Local — Theatro 4 de Setembro. Dia 09/08/75;
- 40 — Três (3) apresentações da peça infantil "O Pote Mágico" do grupo Teatro Experimental do Maranhão. Local — Theatro 4 de Setembro. Dia 09/08/75 e 10/08/75;
- 41 — Apresentação do Grupo Cazumbá, auto do Bumba-Meu-Pé do Maranhão. Local — Theatro 4 de Setembro. Dia 11/08/75;
- 42 — Apresentação da peça "Transe" de Ronald Radde. Local — Theatro 4 de Setembro. Dia 17/08/75;
- 43 — Lançamento dos Livros de Carlos Castello Branco, "A Agonia do Poder Civil" e "A Queda de João Goulart". Local — Auditório Herbert Parentes Fortes. Dia 24/08/75;

44 — Resultado do concurso realizado na Galeria de Arte do Theatro 4 de Setembro. Local — DAC. Dia 01/09/75; Juri composto por: Marcus Cremnese

Marcos Vila
Fátima Fortes Pacheco
Cinéus Santos
Noé Mendes.

Expositores
selecionados: 1º — Expedito — Seção de Escultura com
"O Inocente"

2º — Eliu — Seção de Desenho com "A
Pilula"

J. Soares — Pintura — "A Procis-
ão" Carlos B — "Arte Decorativa
"Pin Batismal" — Pacio di Lima —
Montagem "O pescador" Kátia —
Colagem "O impacto da comunica-
ção moderna e os violeiros".

Obs.: Os dois primeiros participarão do III Salão de
Artes do Automóvel Club do Rio de Janeiro, aberto a 19
de outubro p.f.;

45 — Entrega das Medalhas aos vencedores do Concurso e dos
Certificados de participação nos expositores da Coletiva.
Local — DAC. Dia 5/0/75;

46 — Exposição do pintor Wálmy Ferreira da Almeida — R.
J. Local — Galeria de Arte do Theatro 4 de Setembro.
Período: 10/09/75 a 19/09/75; MEC — DAC — PAC

47 — Remessa das Obras Escolhidas para o Salão de Artes do
Automóvel Club do Rio de Janeiro. Dia 10/09/75;

48 — Curso sobre "Folclore Brasileiro" ministrado pela profa.
Maria de Lourdes Borges Ribeiro. Local — Auditório
Herbert Parentes Fortes. Período: 08/09/75 a 13/09/75;
— participantes: 235. apoio: MEC/PAC/DAC.
MEC — DAC — PAC. Campanha Nacional do Folclore.

49 — Entrega do Certificados do Curso de Folclore Brasileiro.
Local — DAC. Dia 14/09/75;

50 — Apresentação do pianista Paulo Afonso de Moura Fer-
reira — R.J. Local — Theatro 4 de Setembro. Dia
10/09/75; apoio MEC/PAC/DAC.

51 — Exposição do artista plástico, Góes. Local — Galeria de
Arte do Theatro 4 de Setembro. Período: 20/09/75 a
23/09/75; — Ce.

52 — Apresentação do Cantor Carlos José — R.J. Local —
Theatro 4 de Setembro. Dia 22/09/75; MEC-DAC-PAC.

53 — Duas (2) apresentações da peça "Greta Garbo. Quem
Diria, Acabou no Irajá". Local — Theatro 4 de Setem-
bro. Período: 24 e 25/09/75; MEC — DAC — PAC — SNT

54 — Publicação do Boletim Informativo Mensal nº 7.

ATIVIDADES DE APOIO:

- 01 — Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Piauí, Programa Nacional de Atualização Médica Fontoura Welh, Fundação Cultural do Piauí — Atividade — "Círculo de Palestras em Psiquiatria" — Local — Auditório Herbert Parentes Fortes. Período: 03 a 05/04/75;
- 02 — Banco Econômico S/A e Fundação Cultural do Piauí — Atividades — Programa de Financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (FONDE, FINAME, FIS e RECON) — Local Auditório Herbert Parentes Fortes. Dia 11/04/75;
- 03 — Curso de Parapsicologia Intensivo, ministrado pelo Po. EDVINO AUGUSTO FRIDECIRS S.J. — Local — "Igreja Matriz N.S. de Lourdes" na Vermelha. Período: 19 a 23/05/75;
- 04 — Comemoração em homenagem ao Centenário da Igreja Matriz de São João Batista em São João do Piauí. Período: 2 à 05/07/75.

1.3 CONCLUSÃO:

No período (1.1) supracitado, foram realizadas um total de 179 (cento e setenta) atividades culturais.

TERESINA-PI, 30 DE SETEMBRO DE 1975.

ALDENORA MARIA VASCONCELOS MESQUITA
DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS
CULTURAIS — DAC —

